



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LUANNA CARLA RODRIGUES DA SILVA

**MARACATU SOL BRILHANTE, COMO RESISTENCIA CULTURAL
NA CIDADE DE GRAVATÁ-PE**

RECIFE

2024

LUANNA CARLA RODRIGUES DA SILVA

**MARACATU SOL BRILHANTE, COMO RESISTENCIA CULTURAL
NA CIDADE DE GRAVATÁ-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Unidade Acadêmica
de Educação a Distância e
Tecnologia da Universidade Federal
Rural de Pernambuco-
UAEADTec/UFRPE, no Curso de
Licenciatura Plena em História,
como pré-requisito à conclusão do
Curso.

Orientadora: Prof. Dra. Ayalla
Oliveira Silva

RECIFE,
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586m Silva, Luanna Carla Rodrigues da
MARACATU SOL BRILHANTE, COMO RESISTENCIA CULTURAL NA CIDADE DE GRAVATÁ-PE /
Luanna Carla Rodrigues da Silva. - 2024.
58 f. : il.

Orientadora: Ayalla Oliveira Silva.
Inclui referências e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História,
Recife, 2024.

1. Maracatu. 2. Grupos Percussivos. 3. Sol Brilhante. 4. Gravatá. I. Silva, Ayalla Oliveira, orient. II. Título

CDD 909

LUANNA CARLA RODRIGUES DA SILVA

**MARACATU SOL BRILHANTE, COMO RESISTENCIA CULTURAL
NA CIDADE DE GRAVATÁ-PE**

**Monografia apresentada a Unidade Acadêmica de Educação a Distância e
Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito
para a obtenção do título de licenciada no ensino de História.**

APROVADA EM: 05/01/2024

Banca examinadora:

Profa. Dra. Ayalla Oliveira Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Orientadora

Prof. Dr. Luiz Gustavo Mendel Souza
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profa. Dra. Marta Margarida de Andrade Lima
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir realizar meu sonho, e por me dar forças para sempre continuar seguindo em frente, por me dar sabedoria para superar as adversidades do caminho.

Agradeço a minha mãe Maria Joana, por sempre me apoiar, me ajudar e incentivar a estudar e poder ir mais longe, buscando sempre o conhecimento. Obrigada pelo seu carinho e companheirismo.

Agradeço a minha querida filha Jullya, que é minha força, minha luz e minha maior motivação para lutar por um futuro melhor para ela e por ela.

Agradeço a minha amiga Grace Kaller, que sempre me incentivou e me apoiou, e foi através dela que consegui entrar na Universidade e fazer o curso que sempre sonhei.

Agradeço a minha amiga Lidiane Fernandes, uma amiga que ganhei durante o curso de Licenciatura em história, que todos os dias me incentiva, motiva e sempre me ajudou quando mais precisei.

Agradeço a minha orientadora, Ayalla Oliveira, por aceitar me orientar com um tema tão diferente da sua linha de pesquisa, sou eternamente grata!

Agradeço ao professor Lenivaldo Oliveira, que durante essa jornada tornou-se um amigo, obrigada pelas dicas e pelas conversas que me ajudaram muito.

Agradeço à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), pela oportunidade de acessar o ensino superior público de qualidade, ao colegiado da Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia, na pessoa da sua coordenadora, a professora Marta Margarida, a quem agradeço especialmente pelo seu carinho e paciência com todos, sempre buscando nos ajudar da melhor forma possível, a senhora é uma coordenadora incrível!

Agradeço a professora Helisangela pelo auxílio, como apoio discente, e pela convivência durante o tempo que atuou como nossa tutora presencial no polo Gravatá. Muito obrigada por sempre sanar nossas dúvidas e disponibilidade em ajudar no que era possível.

Também agradeço aos meus colegas de turma: Joabson, Breno, Alana, Samuel, Claudeni, Wemersson, Gleidson e Cesar. Apreendi muito com todos vocês. Desejo a vocês todo sucesso e felicidade!

Agradeço a Mestre Ciel e Carolina Maranhão, pois, mesmo antes de dar início à pesquisa, se colocaram disponíveis a contribuir para a construção desse trabalho.

Por fim, agradeço a todos que acreditaram em mim. Minha gratidão e carinho a todos.

RESUMO

O presente estudo trata sobre grupos percussivos de maracatu, com foco no grupo percussivo Maracatu Sol Brilhante, a fim de mostrar a trajetória do grupo de percussão cultural e analisar a atuação e o lugar sociocultural do Maracatu Sol Brilhante na cidade de Gravatá. Para tanto, foi necessário discutir as características do maracatu nação e rural e apontar as especificidades do grupo maracatu Sol Brilhante nesse contexto, identificar como se deu a formação e organização do grupo e analisar a atuação e o lugar sociocultural do Maracatu Sol Brilhante na cidade de Gravatá. As análises e reflexões foram referenciadas sob o debate da categoria de *representação*, com base no estudo de Roger Chartier, e metodologicamente amparadas no método da História Oral. Para a construção desse trabalho utilizou-se, do diálogo bibliográfico sobre o tema, da realização de entrevistas e de outras fontes circunstanciais. Os resultados alcançados consistem na recuperação da trajetória do grupo percussivo Sol Brilhante e compreensão da atuação do Grupo como agente cultural, educador e político na cidade de Gravatá-PE.

Palavras-chave: Maracatu. Grupos Percussivos. Sol Brilhante. Gravatá.

ABSTRACT

This study deals with percussive maracatu groups, with a focus on the percussive group Maracatu Sol Brilhante, in order to show the trajectory of the cultural percussion group and analyze the performance and socio-cultural place of Maracatu Sol Brilhante in the city of Gravatá. To this end, it was necessary to discuss the characteristics of maracatu nação and rural maracatu and point out the specificities of the maracatu sol brilhante group in this context, identify how the group was formed and organized and analyse the performance and socio-cultural place of Maracatu Sol Brilhante in the city of Gravatá. The analysis and reflections were referenced in the debate on representation and methodologically supported by the Oral History method. In order to construct this work, bibliographic dialog on the subject was used, as well as interviews and other circumstantial sources. The results achieved consist of recovering the trajectory of the Sol Brilhante percussion group and understanding the group's role as a cultural, educational and political agent in the city of Gravatá-PE.

Keywords: Maracatu. Percussion groups. Sol Brilhante. Gravatá.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Imagem: Representação dos personagens do Maracatu Nação. Fonte: Pinterest.
_____17
- Figura 2: Fotografia Rei, Rainha e Palio ou Escravo. Fonte: Foto cedida pelo grupo.
_____36
- Figura 3: Fotografia Mestre Ciel. Fonte: Foto cedida pelo grupo.
_____37
- Figura 4: Fotografia Apresentação do Grupo de percussão cultural Maracatu Sol Brilhante.
Fonte: Foto cedida pelo grupo _____ 37
- Figura 5: Fotografia Fachada da sede Centro Cultural Sol Brilhante. Fonte Anderson Souza
(SECOM) _____ 40
- Figura 6: Fotografia Mestre Ciel e Carolina Maranhão. Fonte Anderson Souza (SECOM).
_____41
- Figura 7: Fotografia Objetos relacionados aos projetos promovidos pelo Centro Cultural.
Fonte: Anderson Souza (SECOM).
_____41
- Figura 8: Fotografia Instrumentos e indumentárias Fonte Anderson Souza (SECOM).
_____42
- Figura 9: Fotografia Roda de Conversa. Fonte: Arquivo pessoal.
_____42
- Figura 10: Fotografia Apresentação de dança. Fonte: Foto cedida pelo grupo.
_____43
- Figura 11: Fotografia Apresentação de poesias. Fonte: Foto cedida pelo
grupo _____43
- Figura 12: Fotografia Apresentação de rap. Fonte: Foto cedida pelo grupo.
_____44
- Figura 13: Fotografia Música de viola. Fonte: Foto cedida pelo grupo.
_____44
- Figura 14: Fotografia Apresentação de capoeira. _____ Fonte: Arquivo
pessoal _____45
- Figura 15: Fotografia Apresentação do grupo percussivo Maracatu Sol
Brilhante _____ 45

Figura 16: Fotografia Grupo Percussivo Cultural Maracatu Sol Brilhante. Fonte: Arquivo Pessoal _____46

Figura 17: Fotografia Posse do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial, à direita, Wellington Lucio e o prefeito Joselito Gomes; à esquerda, Lucas Silva e a secretária da Mulher Ester Gomes. Fonte: Site Prefeitura de Gravatá. _____47

Figura 18: Fotografia Posse do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial, à direita, o prefeito Joselito Gomes e Gleidson Silva; à esquerda, a secretária da Mulher Ester Gomes e Leonardo Lima. Fonte: Site Prefeitura de Gravatá. _____47

LISTA DE ABREVIATURAS

AMBS-PE – Associação de Maracatu de Baque Solto de Pernambuco

ANPUH – Associação Nacional de História

COMPIR- Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial

FECAPE – Federação Carnavalesca Pernambucana

GAMR – Grupo de Apoio aos Meninos de Rua

IAM – Instituto Abdalaziz de Moura

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCR – Inventário Nacional de Referências Culturais

NEPAA – Núcleo de Estudos das Performances Afro-ameríndias

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: ENTRE MARACATU (NAÇÃO E RURAL) E GRUPOS PERCUSSIVOS DE MARACATU: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS	15
1.1 Maracatu Nação (Baque Virado)	15
1.2. Maracatu Rural (Baque Solto ou Orquestra).....	19
1.3. Grupos de Percussão de maracatu.....	22
CAPÍTULO II: GRUPO PERCUSSIVO CULTURAL MARACATU SOL BRILHANTE	27
2.1 A idealização do Grupo Percussivo Cultural Maracatu Sol Brilhante e seus fundadores	27
2.2 De Coletivo a Grupo de Percussão Cultural Maracatu Sol Brilhante	30
2.3 O Grupo percussivo e as religiões de matriz africana.....	32
2.4 A estrutura organizacional e atuação de um grupo percussivo a partir do Maracatu Sol Brilhante	35
2.4.1 Assento do Sol Brilhante no recém-criado Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
Referências Bibliográficas.....	51
Anexo.....	56

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa compreender a trajetória do grupo de percussão cultural Maracatu Sol Brilhante que atua na cidade de Gravatá-PE. A pesquisa tem como objetivo compreender a trajetória do grupo de percussão cultural e analisar a atuação e o lugar sociocultural do Maracatu Sol Brilhante na cidade de Gravatá, no estado de Pernambuco.

A escolha do tema se deu pelo meu interesse particular pelo estudo da temática afro-brasileira, principalmente no que se refere à atuação dos movimentos socioculturais e suas resistências. Durante a realização de um trabalho em grupo no âmbito da disciplina História Oral, do curso de Licenciatura em História, conheci um pouco sobre o grupo percussivo. Desse contato inicial surgiu o interesse em aprofundar a pesquisa sobre o mesmo, que se apresentava também como uma oportunidade para falar um pouco sobre a cidade onde resido e, principalmente, compreender o trabalho do grupo cultural: quem são seus integrantes e líderes, o que fazem e o propósito do grupo percussivo de maracatu Sol Brilhante.

Além do mais, considero pertinente conhecer e divulgar a resistência cultural que o grupo representa para a cidade de Gravatá, visto que o grupo de percussão está atrelado a *ONG Centro Cultural Sol Brilhante*, que promove projetos voltados para a valorização da cultura popular, promovendo oficinas de maracatu para toda a comunidade gravataense. Assim, a pesquisa também visa contribuir à visibilização e valorização do trabalho cultural e social que o grupo desempenha na cidade de Gravatá.

Para alcançar os objetivos propostos e melhor apreciação deste trabalho, foi utilizada uma abordagem metodológica qualitativa das fontes levantadas. Segundo José Luís Neves, essa abordagem “tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação” (1996, p. 2). Assim, a pesquisa qualitativa terá o ambiente como fonte para o levantamento de dados, sendo necessário contato direto com o objeto de estudo. Para tanto, é necessário um trabalho de campo para maior aprofundamento.

Segundo Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2020, p.8), a pesquisa qualitativa “utiliza técnicas padronizadas de coleta de dados”. Para obtenção dos dados necessários, foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, esta última, por meio da realização de entrevistas. A pesquisa foi realizada entre agosto e outubro de 2023. Para a pesquisa bibliográfica foram utilizadas as plataformas *SciELO*, *Google acadêmicos*, e os repositórios da

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), dos quais foram levantados artigos, teses, monografias, dissertações e dossiês. Foram utilizados principalmente artigos e textos de dois pesquisadores da área de estudo: Isabel Guillen e Ivaldo Lima. Ambos os autores obtêm diversas obras que discutem questões relacionadas ao maracatu, principalmente ao Maracatu Nação.

Em relação à pesquisa de campo, foi utilizado o método da História Oral, baseado na coleta e preservação dos relatos das testemunhas, a principal técnica utilizada consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas realizadas na cidade de Gravatá-PE. A escolha do questionário semiestruturado se deu pela flexibilidade, tanto para os entrevistados de ficarem mais à vontade para falarem sobre suas experiências pessoais e coletivas quanto para a entrevistadora, possibilitando, assim, explorar tópicos que são considerados importantes e que surgem no decorrer das entrevistas, estas, foram gravadas com o uso de um aplicativo para *smartphone* e o seu uso devidamente autorizado pelos nossos entrevistados. Segundo Chantal Tourtier-Bonazzi (2006, p. 236):

Nenhuma entrevista deve ser realizada sem uma preparação minuciosa: consulta a arquivos, a livros sobre o assunto, à vida do depoente, leitura de suas obras, se houver alguma, bem como referências sobre as principais etapas de sua biografia. Cada entrevista supõe a abertura de um dossiê de documentação. A partir dos elementos colhidos, elaborase um roteiro de perguntas do qual o informante deve estar ciente durante toda a entrevista.

Para tanto, inicialmente foi elaborado um questionário com base nos estudos realizados durante o levantamento bibliográfico do primeiro capítulo deste trabalho, levando em consideração os respectivos papéis que os entrevistados ocupam no Grupo cultural objeto desse estudo. Tais questionários foram apresentados à apreciação dos entrevistados antes do início de cada entrevista.

Para as entrevistas, selecionamos dois dos cinco líderes do grupo de Percussão Cultural Maracatu Sol Brilhante: Maciel Ferreira da Silva, mais conhecido por Mestre Ciel, que é o diretor musical do grupo percussivo, e Maria Carolina Vieira Maranhão Dias, presidente do Grupo. O primeiro a ser entrevistado foi o Mestre Ciel, a entrevista foi realizada no dia 21 de setembro de 2023, ocorreu no salão cultural da *ONG Grupo de Apoio aos Meninos de Rua* (GAMR), a qual Mestre Ciel está vinculado. A segunda entrevista foi realizada com a presidente do grupo Carolina Maranhão, no dia 26 de setembro de 2023, no restaurante gerenciado por ela.

As entrevistas realizadas foram mediadas pela certa aproximação que eu já possuía com Mestre Ciel, pelo fato de ter participado, em 2016, de uma oficina de fotografia que foi promovida pela GAMR, ONG da qual o Mestre é membro. Foi nesse período que estabeleci um maior contato com ele, também devido a um dos estágios obrigatórios do curso de Licenciatura em História que realizei na citada ONG. Para a realização da entrevista com a presidente do Sol Brilhante, Carolina Maranhão, contei com a mediação do mesmo Mestre, que me colocou em contato com a líder do grupo percussivo.

As entrevistas foram posteriormente transcritas, para tanto, fizemos uso de um site que transforma áudio em texto, com o devido cuidado de realizar uma revisão minuciosa do material transcrito. Apesar do cuidado para deixar as transcrições fidedignas às falas dos entrevistados, concordamos com Tourtier-Bonazzi (2006, p.239), para quem:

[...] toda transcrição, mesmo bem feita, é uma interpretação, uma recriação, pois nenhum sistema de escrita é capaz de reproduzir o discurso com absoluta fidelidade; de certa maneira, é uma traição à palavra.

As entrevistas foram escutadas repetidas vezes, seguindo as orientações que a autora acima mencionada sugere. Tais sugestões consistem em organizar o material em parágrafos, inserir pontuação e grafar palavras ou frases em negrito, isto é, aquelas ditas com maior entonação na voz e, portanto, importante de serem destacadas no processo de transcrição.

Nesse estudo iremos trabalhar com o conceito de *representação*, com base no que define o historiador Roger Chartier. Em sua obra *A História Cultural: entre práticas e representações*, o autor define o conceito como a construção da realidade a partir dos interesses e das visões de mundo que os grupos sociais elaboram para si em detrimento dos “outros”, dando assim significados e legitimidade às suas práticas discursivas sobre as experiências históricas.

A noção de representação que utilizo está situada na discussão teórica sobre a narrativa da história gestada no campo da História Cultural encabeçada pelos estudiosos dessa área, que discutiam e defendiam que o mundo social não era objetivamente estruturado, mas resultado de construções históricas articuladas por práticas “políticas, sociais e discursivas”, questionando a ideia do “social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como reflectindo-o ou dele se desviando” (Chartier, 1990, p. 27). Ainda segundo esse autor:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (1990, p.17)

Ou seja, os grupos sociais constroem suas representações conforme seus interesses. Sandra Pesavento ao discutir o mesmo conceito apresenta uma noção similar à de Chartier, explicando que a representação é algo que pode ter diversos sentidos, e sua construção “[...] não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção a partir dele” (2003, p.40). Assim, o conceito de representação nos ajudará a compreender as construções e reconfigurações sociais e discursivas relacionadas ao maracatu dito tradicional e grupo percussivo de maracatu. Pois, as agremiações de maracatus nascem no interior de grupos sociais diferentes, que projetam classificações e exclusões exteriores, a partir das representações interiores ao grupo.

No primeiro capítulo apresentaremos inicialmente uma discussão bibliográfica sobre os dois tipos de Maracatus que existem em Pernambuco, sendo eles o Maracatu Nação ou baque virado; e o Maracatu Rural, também conhecido como maracatu de baque solto ou de orquestra. Para, na sequência, discutir o surgimento dos grupos percussivos de maracatu. Analisando, dessa forma, o percurso histórico, suas possíveis origens em Pernambuco, bem como discutindo as semelhanças e diferenças entre a percussão de maracatu e o maracatu tradicional, como também o aspecto religioso que está presente em ambos os movimentos culturais. Além disso, buscaremos situar o surgimento dos grupos percussivos e seu impulsionamento na cena cultural pernambucana na esteira de atuação do movimento *MangueBeat*, movimento que pôs em evidência a cultura popular pernambucana no cenário nacional e internacional.

No segundo capítulo será apresentada a trajetória do Grupo Percussivo Cultural Maracatu Sol Brilhante, buscando compreender como se dá a formação e organização do grupo de percussão cultural, bem como compreender o lugar sociocultural que o movimento ocupa na cidade de Gravatá, Pernambuco.

CAPÍTULO I: ENTRE MARACATU (NAÇÃO E RURAL) E GRUPOS PERCUSSIVOS DE MARACATU: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

O presente capítulo irá apresentar as origens e principais características dos grupos de Maracatu Nação, Maracatu Rural e os grupos percussivos de maracatu. Para tanto, será feita uma revisão bibliográfica onde pesquisadores da área abordam os pontos principais referente a pesquisa. Desse modo, podemos observar o contexto histórico e cultural em que os grupos de maracatu estão inseridos e suas configurações ao passar do tempo, também será abordado o forte sincretismo religioso dos grupos de maracatu com as religiões de matriz africana e como esse sincretismo influencia nas características, tradições e na construção da representação de identidade dos grupos. O capítulo também abordará as diferenças e aproximações entre os grupos tradicionais de Maracatu Nação, Maracatu Rural e os Grupos de Percussão de Maracatu.

1.1 Maracatu Nação (Baque Virado)

Para iniciar uma discussão a respeito dos grupos de Maracatu Nação (Maracatu de baque virado), Maracatu Rural (Maracatu de baque solto) e os Grupos Percussivos e suas diferenças, é preciso entender as características fundamentais de cada grupo, suas origens e tradições.

Isabel Guillen, pesquisadora da cultura popular e do patrimônio cultural brasileiro, discute em uma de suas obras sobre a homogeneização dos grupos de maracatu. A autora chama atenção à necessidade de atentarmos para essa questão, para que a diversidade e singularidade desses grupos não sejam banalizadas. Segundo a autora, "uma nação têm fortes vínculos com uma comunidade de afrodescendentes, relações identitárias com suas religiões e vincula-se fortemente a um sentido de tradição" (Guillen, 2011, p.4), apontando em sua fala a relação entre as nações e as tradições afrodescendentes, que por décadas foram silenciadas e inferiorizadas.

O Maracatu Nação, também conhecido como Maracatu de Baque Virado, é uma manifestação surgida entre os povos africanos e as primeiras menções a essa modalidade estão situadas entre os séculos XVII e XVIII. No que condiz ao significado, a denominação

maracatu na etimologia ainda continua sem uma classificação específica, e “nação” faz referência às nações africanas, conforme afirma a historiadora Laís Fialho (2017).

Já o também historiador e maracatuzeiro Ivaldo Lima (2019) argumenta que os Maracatus Nação no Recife são caracterizados pela história de resistência e se compõem de uma diversidade de elementos (dança, canto, fantasias), que impedem uma definição precisa sobre a sua origem. O autor afirma que essa ideia de demarcação da “origem” tem influência dos trabalhos memorialistas e folcloristas e argumenta ser mais acertado pensar em “origens”, no plural. Nesse sentido, o autor define que o termo “origem” designa um ponto de partida único, exato, já “origens” significa o contrário: é o “[...] que pressupõe a impossibilidade de tornar preciso o surgimento de algo, principalmente quando se trata de práticas e costumes construídos por seres humanos” (Lima, 2019, p. 256), ou seja, as origens são fragmentos ou resquícios de algo que pode ter diversos pontos de *origens*.

Autores mais atuais definem concepções às vezes contrastantes sobre a possibilidade de demarcar as origens do maracatu nação. Sendo assim, Bruna Bacelete (2022) seguindo a discussão sobre o surgimento do Maracatu Nação, o evidencia como forma de resistência a partir do encontro de diversos grupos étnicos, com africanos, indígenas e portugueses, ainda no período colonial. Bacelete apresenta as coroações dos reis e rainhas do Congo como um possível ponto de partida para o Maracatu que conhecemos atualmente.

Esses personagens eram líderes intermediários escolhidos entre os cativos para representar o seu povo e serem um meio de intermédio entre os escravizados e os senhores (Fialho, 2017). Dessa forma, o maracatu tem suas primeiras manifestações ainda no período colonial até ir se configurando no maracatu que conhecemos atualmente. Tem suas tradições passadas de geração em geração de forma oral, ou seja, em meio a um processo de transmissão de saberes por meio da oralidade.

Já Lima (2019) apresenta uma linha de argumentação diferente. Para esse autor, a diversidade de formatos dos maracatus foi empurrada erroneamente para uma definição homogeneizadora na busca de encaixar o maracatu em uma determinada ideia de “tradição” que é entendida como “algo que possui um vínculo com um passado distante, e que sobrevive em meio aos tempos atuais sob a forma de reminiscência”. O autor argumenta que, os discursos dos maracatuzeiros expõem a constante atualização dessas tradições por parte dos seus “mantenedores” (p. 259). Ainda citando Lima (2019),

(...) a busca pela origem de determinadas práticas ou costumes, longe de esclarecer, constituiu artifícios que levaram à construção de uma

homogeneização daquilo que é diverso, múltiplo ou que simplesmente não existiu como foi descrito. (p. 159-160).

Feita essa breve discussão analítica das diferentes interpretações sobre as origens do maracatu nação passemos a uma parte mais descritiva dos elementos que o constitui.

O Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR) organizou um Dossiê sobre o Maracatu Nação no ano de 2013, o descrevendo como uma manifestação artística proveniente da expressão da cultura negra, com suas manifestações realizadas principalmente durante o período do Carnaval, onde desfilam pelas ruas do Recife com suas cortes compostas pelos personagens reis e rainhas, príncipes e princesas, dama do paço que carrega a emblemática boneca (calunga), as bainhas, o palio, e o porta-estandarte, sendo acompanhadas pela percussão que dita o ritmo das danças e das músicas que são cantadas pelo Mestre, mas não são coreografadas. A percussão é composta por instrumentos feitos de madeira como: as alfaias, gonguês, caixas, tarol, tambores e mineiros, conforme figura abaixo:

Figura 1 - Representação dos personagens do Maracatu Nação



Representação dos personagens do Maracatu Nação. Fonte: Pinterest.

Em análise compreendendo os anos de 1960-1990 realizada por Guillen e Lima (2006), os autores discutiram questões de disputas entre grupos de maracatu em torno do que seria “verdadeiro” ou “legítimo” para definir o maracatu nação em relação aos grupos percussivos. Não pretendemos adentrar essa discussão sobre “verdadeiro” e “falso”, no que condiz às disputas políticas que há entre os grupos tradicionais de maracatu, pois compreendemos que cada grupo se constitui de acordo com as construções históricas e sociais, conforme explica Chartier (1990). Dessa forma, podemos considerar os grupos de maracatu como resultado das reiteradas atualizações no tempo e conforme os interesses e percepções de quem os integram como vimos na discussão acima proposta por Lima (2019).

Além das disputas travadas entre grupos de maracatu, Guillen e Lima (2006) abordaram as perseguições policiais, geralmente perceptíveis nas notícias dos jornais que categorizavam os grupos de maracatu como “arruaceiros” ou sendo identificados como “selvageria e incivilidade africana”. A perseguição religiosa também não passa despercebida pelos autores, ao mencionarem que “os terreiros durante os governos de Carlos de Lima Cavalcanti (1930-1937), em que sofreram intensa vigilância, e Agamenon Magalhães (1937-1945), em que foram perseguidos e reprimidos com grande violência” (Guillen; Lima, 2006, p.186).¹

Apesar das perseguições, durante a década de 1930 o maracatu foi uma forma de acobertar os praticantes de religiões afrodescendentes, visto que os grupos de maracatu tinham a permissão para circular durante o carnaval, o mesmo não acontecia com os terreiros de religiões de matriz africana. Os autores destacam que durante esse período houve uma decadência dos grupos no Recife, onde muitos foram dissolvidos, outros grupos foram criados e outros ressurgiram. E apesar dessa diminuição significativa, a atuação de movimentos negros junto aos grupos de maracatu ajudaram a trazer de volta a valorização da cultura afrodescendente.

¹ Segundo CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que ele trouxe de novo? In: O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2ª edição. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. O período do estado Novo caracterizou-se pelo autoritarismo e pela forma de controle das massas por meio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Tal departamento controlava todas as informações internas e externas, e era responsável pela censura do cinema, música, teatro e toda forma de arte que não exaltasse o nacionalismo e o então presidente Vargas. A arte apesar de ser incentivada, tinha seus valores voltados para o nacionalismo e o incentivo ao trabalho. A questão cultural também sofreu intervenção do Estado, visto que a ideia era criar uma cultura homogeneizada nacional, inspirada no modelo europeu. Dessa forma, os interventores passaram a coibir qualquer ato de manifestação que fosse contrária aos ideais do governo Vargas.

No contexto de surgimento de novos grupos, Fialho (2017) apresenta em seu texto a formação de “grupos percussivos de maracatu”, a exemplo do grupo Maracatu Ingazeiro localizado em Maringá-PR, que foi apadrinhado pelo grupo Maracatu Porto Rico. O grupo era formado por jovens músicos e pesquisadores de percussão, que tinham interesse de se aprofundar nas histórias do maracatu. Após o primeiro contato, o grupo passou a realizar oficinas de maracatu e comprar os instrumentos, e depois solidificando-se como um grupo percussivo. Para o reconhecimento como maracatu, o grupo precisava de um terreiro, passando a procurar o terreiro de candomblé de Mãe Lourdes, que foi escolhida como madrinha do grupo.

Assim, Maracatu Ingazeiro foi reconhecido como grupo de maracatu com a representação do terreiro, do Orixá regente e suas cores. Conforme Fialho (2017), “[...] o maracatu ingazeiro representava visibilidade para o terreiro e o terreiro representava fundamentação, união e respeito à religiosidade para o grupo” (p.11), o que aponta para o sincretismo religioso que existe entre o maracatu e os terreiros de matriz africana. Pois há uma intrínseca relação dos maracatus com os terreiros de Candomblé, mas também Umbanda e Jurema. Por meio dessa representatividade é que os grupos de maracatu constroem suas identidades e tradições.

1.2. Maracatu Rural (Baque Solto ou Orquestra)

O Maracatu Rural, conhecido também como Maracatu de Baque Solto ou Orquestra, tem suas origens nos engenhos de cana de açúcar entre o século XIX e XX, na Zona da Mata Norte em Pernambuco, onde ainda havia muita rigidez e violência dos senhores de engenho. Dessa forma, teria surgido como meio de mostrar a insatisfação por parte dos folgetes para com seus patrões, conforme cita o doutor Adriano Moura (2018):

O maracatu surge, então, como uma forma de contestação, a revolta dos brincantes transparece na força das coreografias, sobretudo no seu ritmo **selvagem**, na busca de proteção espiritual, no uso da lança e no conteúdo de protesto de algumas loas. (p.90, grifo nosso).

Outra teoria também apresentada por Adriano Carlos de Moura (2018) e Suethene Barbosa de Souza (2018) discutida em seus respectivos textos e dialogando com outros autores, é que o Maracatu Rural tem suas origens nos grupos de Cambindas formados apenas por homens, que durante o carnaval saíam às ruas para brincar vestidos de mulher. Essa era

uma característica muito semelhante ao maracatu rural que, de início, era composto apenas por homens que também se vestiam de mulher, a exemplo da personagem Catirina.

Em uma entrevista para o jornal do comércio, no ano de 2018, a pesquisadora Maria Alice Amorim se refere ao Maracatu Rural da seguinte forma:

Uma brincadeira híbrida e complexa, cheia de influências e confluências. Saiu da senzala com sua tradição africana, mas também recebeu forte influência indígena, identificada pelo culto à Jurema e a presença do índio arriamá. O baque solto também se caracteriza pelo ritmo, a música **bruta**, a presença do poeta que improvisa versos, os instrumentos (terno) que acompanham o poeta. (Jornal do Comercio, Recife, 05 de Jan. 2018, grifo nosso).

Mencionando assim, a incorporação de elementos da cultura indígena, além de vários brinquedos conhecidos das cidades próximas na Zona da Mata Norte, como o Cavalo Marinho, Bumba-meu-Boi, Reisado e Caboclinho. O Maracatu Rural (baque solto ou orquestra) diferencia-se do Maracatu Nação na sua composição musical. O primeiro é composto por um “terno” gonguê de duas campânulas, porca, ganzá e bombo, e instrumentos de sopro como clarinetes, trombones e trompetes, contudo, a depender da escolha dos grupos, alguns instrumentos podem ser retirados ou acrescentados, também apresenta um ritmo mais acelerado que a percussão do Maracatu Nação. Quanto aos personagens, os destaques são o caboclo de lança e o caboclo de penas – que podem estar presentes ou não nos grupos de maracatu nação –, além das bainhas, corte real, Mateus, Catirina, Burrinha, Babau e Caçador. O mestre com seu apito - assim como no Maracatu Nação – é quem comanda a festa e o poeta é quem conduz todo o espetáculo, executando as marchas de abertura e saída.

Ao analisar a obra de César Guerra-Peixe intitulada *Maracatus do Recife* (1980), um dos pioneiros a pesquisar e diferenciar os tipos de maracatu existentes em Recife, Isabel Guillen (2007) estabelece alguns diálogos com esse autor. Observa que o Maracatu Rural passa a ganhar destaque nas ruas da cidade de Recife entre as décadas de 1930 e 1940, período no qual havia os grupos de “troças” que também designavam-se maracatu, tendo cabido a Guerra Peixe o trabalho de diferenciar os dois tipos de Maracatu, o Nação (baque virado) e o Rural (na época chamado de orquestra ou baque solto), das “troças”. Como menciona Guillen:

A imprensa recifense do período não fazia a mínima distinção entre os maracatus-nação, como o Elefante ou o Leão Coroado, os maracatus de orquestra, como o Pavão Dourado ou o Estrela da Tarde, e as “troças”, como o Timbu Coroado e o Cata Lixo. Todos os três tipos eram tratados como maracatus. (p. 237).

Dessa forma, a não distinção entre os grupos resultava em generalizações, não se levava em consideração as questões culturais, sociais e suas especificidades. A autora explica que mesmo com uma maior visibilidade, o Maracatu Rural era visto como a “[...] descaracterização ou deturpação do “autêntico” maracatu de origem africana, o maracatu-nação” (Guillen, 2007, p. 237). Mais uma vez, Guerra Peixe tomou para si a atribuição de estabelecer as diferenças entre os dois tipos de Maracatu, que se deu conforme suas performances e seus conjuntos musicais.

O destaque do Maracatu Rural nas ruas do Recife, a partir da década de 1930, se deu devido à crise econômica da época, momento em que os trabalhadores da zona rural foram obrigados a tentar a vida de outra forma na cidade e ficaram em bairros periféricos, como o Bairro dos Torrões (Souza, 2018). Esses novos moradores da cidade precisaram se adaptar à nova realidade, e uma das formas de relembrar os bons momentos e de manterem suas tradições era se reunindo com seus amigos e familiares para brincar o maracatu. Contudo, por muito tempo os grupos de Maracatu Rural foram considerados como uma deturpação do que seria considerado o “verdadeiro” maracatu, em referência ao Maracatu Nação.

A própria Federação Carnavalesca Pernambucana (FECAPE), que foi fundada em 1935, não tinha em suas agremiações de rua o Maracatu Rural, por considerar esses grupos como descaracterizadores do “verdadeiro” maracatu - Maracatu Nação. Segundo o Dossiê de Baque Solto, as regras foram questionadas no ano de 1956, dessa forma, diversos grupos de Maracatu Rural conseguiram participar das agremiações. Contudo, eles tiveram que incorporar alguns personagens do maracatu nação, como os personagens da corte real. A pesquisadora Suethene Souza (2018) salienta, que só em 1990 foi criada a Associação de Maracatus de Baque Solto de Pernambuco (AMBS-PE), composta por 13 grupos de Maracatu de Baque Solto, com intuito de:

[...] preservar, valorizar e divulgar manifestações artísticas e populares de Maracatus de Baque Solto; promover ações socioeducativas por meio da assistência às comunidades rurais e urbanas; e, apoiar a criação legal de grupos que desenvolvessem atividades relacionadas aos objetivos da Associação. (Souza, 2018, p.26).

Assim como no Maracatu Nação, o Maracatu Rural também tem um forte sincretismo religioso, geralmente seus cultos são da Jurema ou Candomblé, tendo também uma ligação com o catolicismo popular. Cada grupo de Maracatu tem suas próprias especificidades e peculiaridades com o sagrado, sendo o Maracatu Rural também representante de terreiros, seja de Jurema ou Jurema Sagrada, Candomblé ou Umbanda. Quando saem às ruas durante o

período de carnaval seus integrantes precisam passar por rituais de preparação e proteção espiritual. Tais ritos não ficam evidentes para a população, pois é algo interno aos grupos e terreiros, o mesmo se aplica aos grupos de Maracatu Nação.

O mestre em preservação do patrimônio cultural, Giorge Patrick Bessoni e Silva (2021) explica, que “nas interlocuções com os detentores do baque solto, o assunto religião sempre é mencionado, tratado com deferência, seriedade e orgulho. O respeito aos ritos e obrigações religiosas é capital para se ter paz e harmonia, para ficar protegido” (p.123). Compreende-se que a questão religiosa é algo levado a sério pelos grupos de Maracatu - Nação ou Rural -, pois, apesar dessa expressão ser considerada uma brincadeira, os grupos carregam consigo a representação dos terreiros e dos seus orixás, se preparam espiritualmente antes da chegada do carnaval, período em que os grupos mais têm destaque e visibilidade.

Momentos particularmente importantes para disseminação do saber sobre o Maracatu Rural são as Sambadas, pois são nessas ocasiões que acontecem as atualizações e manutenções do Maracatu (Silva, 2021). As Sambadas costumam se alongar até o nascer do dia, momento em que o mestre (organizador da sambada) toca o último terno. Durante esse evento também é normal ocorrer os desafios entre dois Mestres, estes, improvisam rimas e poesias, ocasiões nas quais são organizadas vendas de comidas e bebidas para arrecadar dinheiro, parte do que é arrecadado é convertida para custear os gastos com a realização da festa.

1.3 Grupos de Percussão de maracatu

Para introduzir a discussão sobre os grupos percussivos de Maracatu utilizaremos o segundo capítulo da tese de Anna Beatriz Koslinski intitulado *El maracatu fuera de las favelas: grupos de percusión* e textos do pesquisador Ivaldo Lima, para uma melhor compreensão acerca das nuances em torno do assunto. Antes de aprofundar sobre os grupos percussivos, é necessário discorrer sobre a valorização da cultura pernambucana, ocorrida a partir dos anos de 1990 com o movimento *MangueBeat* idealizado por Francisco de Assis França ou como ficou mais conhecido Chico Science, Fred Zero Quatro e Renato L, com o objetivo de divulgar a diversidade cultural de Pernambuco, abrangendo não apenas o campo musical, mas expandindo-se para as artes em geral: a moda, a dança e tudo que remetesse à *pernambucanidade*.

A origem do nome do movimento *MangueBeat* é uma junção, sendo *mangue* referente aos manguezais de lama e *beat* traduzido para o português que significa “batida”. O

movimento tinha como símbolo o caranguejo, espécie que habita nos mangues. As músicas de Chico Science representavam críticas sociais devido à desvalorização cultural pernambucana e ao mesmo tempo uma exaltação pela nossa diversidade. Vejamos um trecho da canção intitulada de “Antene-se”, de Chico Science e Nação Zumbi:

*É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo
Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos
Entulhados à beira do capibaribe
na quarta pior cidade do mundo
Recife cidade do mangue
Incrustada na lama dos manguezais
Onde estão os homens caranguejos* (Chico Science & Nação Zumbi, 1994).

Além da música “Maracatu Atômico” que também faz a exaltação das manifestações presente na cultura pernambucana, ao referenciar que:

*O bico do beija-flor beija a flor, beija a flor
E toda fauna-flora grita de amor
Quem segura o porta-estandarte tem a arte, tem a arte
E aqui passa com raça, eletrônico, o Maracatu atômico
Manamauê, auêia, aê
Manamauê, auêia, aê
Manamauê, auêia, aê
Manamauê* (Chico Science & Nação Zumbi, 1996).

É importante situar brevemente o momento histórico de nascimento do movimento *MangueBeat* nos anos 1990. Estamos falando de um momento que envolve acontecimentos externos e internos ao contexto brasileiro. Por um lado, o Brasil havia acabado de sair de uma Ditadura Militar; por outro lado, o mundo estava vivendo o avanço da globalização² e, em consequência, da mundialização cultural.

² Segundo VILAS, Carlos M. Seis ideias falsas sobre a globalização. *Estudos de Sociologia*, v. 4, n. 6, 1999: A globalização consistiu em um processo econômico, político, oriundo do capitalismo, com implicações econômicas, políticas e socioculturais, um processo que é também historicamente situado. Para esse autor, a emergência da globalização está situada no momento de enorme mobilidade do capital e na sua força de expansão, mais visível a partir de meados do século XIX, com a construção das ferrovias e o nascimento da indústria pesada na Grã-Bretanha. Contudo, o mundo assistiu, no fim do século XX, uma fase acelerada da globalização.

Dessa forma, com o fim da ditadura militar no Brasil, em 1985, o país vivenciou o processo de redemocratização e maior liberdade de expressão, e com isso a retomada de atividades que durante o período militar haviam sido duramente reprimidas. Segundo Mariama Moura (2017), o movimento *MangueBeat* contribuiu de maneira significativa para a abertura da diversidade local, em que mesmo após o fim da ditadura nada de novo era percebido na cena cultural pernambucana. O movimento do *MangueBeat* proporcionou a saída da estagnação da cena cultural e a valorização da nossa diversidade musical que estava sendo “esquecida”.

Ainda segundo Moura (2017), vemos a questão centro-periferia, onde as grandes cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo eram os centros produtores de cultura, enquanto o Recife era visto como periferia. E o *MangueBeat* proporciona essa inversão, colocando e destacando nossa cultura e diversidade nos centros culturais, saindo de consumidor para produtor de cultura, valorizando as raízes regionais, que são destacadas nas músicas de Chico Science, onde há a junção de instrumentos musicais de percussão que podem ser vistos nos maracatus, como as alfaias e instrumentos mais modernos. Dessa forma, podemos ver que o movimento *MangueBeat* mesclou influências dos grandes centros culturais mesclando a elementos regionais da cultura pernambucana.

Em relação a essas influências, Thatyane Costa (2004) discute a questão da globalização e como esse processo favoreceu a disseminação e o compartilhamento entre as culturas pelo mundo. Dessa forma, percebemos que o processo da mundialização cultural apesar de ser compartilhado não é algo que vai ser repetido de forma idêntica ao que é produzido em determinado país, ou seja, não há uma homogeneização cultural, pois tudo é produzido e reproduzido passando a ganhar novos significados, porque cultura não é algo imutável. Com o movimento *MangueBeat* não foi diferente, muito de sua influência veio da indústria Norte-Americana, tais elementos passaram a ter um novo significado à medida que foram incorporados pelo Movimento.

Pelos motivos descritos acima, o maracatu e grupos percussivos ganharam mais visibilidade na cidade de Recife. O mestre em cultura popular e memória Walter França, no terceiro capítulo de sua dissertação de mestrado intitulado *Os Maracatus e grupos percussivos e suas atividades nos anos 1990* (2016), aborda a formação de alguns grupos percussivos de maracatu, a exemplo de um dos mais antigos do Recife, o Nação Pernambuco, fundado no ano de 1989, por Bernardinho José, bailarino do Balé Popular do Recife. Segundo França (2016), o grupo já era conhecido e teve alguns destaques nos jornais, mesmo antes do movimento *MangueBeat*.

O autor explica que os grupos percussivos surgiram na metade do século XX, a exemplo do *Timbu Coroadado* e o *Estrela Brilhante*, cujas atividades foram interrompidas, entre as décadas de 1960 e 1970, e foram retomadas alguns anos depois desse período. O grupo de percussão *Nação Pernambuco* é considerado um dos grupos mais conhecidos e que continua em plena atividade, os seus integrantes viajam pelo Brasil fazendo apresentações de maracatu e de outras expressões culturais como o frevo, o coco, a ciranda, etc. Quanto ao perfil dos integrantes do grupo *Nação Pernambuco*, o autor menciona que o mesmo é formado:

[...] fundamentalmente por pessoas de classe média como profissionais liberais e funcionários públicos, além de pessoas do ramo artístico da cidade, liderados por Bernardino José, desfilavam, durante o carnaval, nas segundas-feiras em Olinda e terças-feiras no Recife, assim consolidaram sua imagem na Cidade. (França, 2016, p.63)

Desse modo, é pertinente discutir como e por quem são formados esses grupos percussivos, para assim compreender quais as diferenças entre os grupos de Maracatu Tradicionais e os grupos de Percussão. No que tange a essa questão, Ivaldo Lima (2014a) explica em um de seus textos o seguinte:

O que define a fronteira entre o grupo percussivo (não nação) e o maracatu-nação são os laços comunitários presentes neste último, tanto nos modos de fazer e os sentidos, do que no pertencimento a uma determinada religião. Seja ela de divindades ou de entidades, pois o fato de um grupo de maracatu percussivo constituir laços com um terreiro não irá lhe propiciar sentidos em comum. (p.100).

Podemos entender que essa fronteira diz respeito à questão religiosa e, mais precisamente, à vivência em comunidade, do compartilhamento dos saberes e suas práticas, assim criando uma “identidade” intrínseca ao grupo (Lima, 2014a). O autor ressalta que os grupos de Maracatu Nação, não são definidos como uma representação identitária quando sai às ruas e seus integrantes não são reconhecidos como pertencentes a determinado grupo de maracatu, sendo possível apenas se estivessem com as roupas do grupo que representa. Portanto, a construção de uma identidade se dá no interior da comunidade a que pertencem em relação à representação do “outro” que é externo a essa comunidade.

Em outro texto, Ivaldo Lima (2014b) aponta mais alguns elementos constitutivos que diferenciam os grupos percussivos dos grupos de Maracatu Nação tradicionais. Ele observa que, geralmente, os grupos de Maracatu tradicionais são formados em periferias da cidade de Recife e os seus integrantes moram próximos da sede do grupo, mas, a maioria dos seus integrantes são negros (salvo exceções, pois o próprio autor explica que é branco e

maracatuzeiro); também salienta o compartilhamento de práticas e saberes (já mencionados) e também o vínculo com as religiões de matriz africana, como a jurema, umbanda ou candomblé - esse vínculo pode se dar com as três religiões ao mesmo tempo ou apenas com uma delas.

Sendo assim, esses elementos supracitados correspondem às principais caracterizações que fazem de um grupo de Maracatu Nação uma expressão cultural que se difere dos grupos percussivos.

Ainda segundo Lima (2014b), os grupos de percussão encontram-se apenas durante os finais de semana para os ensaios, e não partilham das mesmas práticas e saberes que os grupos de Maracatu Nação tradicionais. Geralmente, são formados por jovens brancos de classe média, que não compartilham a convivência possível de ser observada nos bairros periféricos, entre os grupos de Maracatu tradicionais. Outro ponto ao qual o autor detém observação é o fato dos grupos percussivos realizarem arrecadações de dinheiro entre os seus membros para manutenção do grupo e para que os seus integrantes possam tocar ou desfilar. No grupo de percussão, cada integrante tem seu próprio instrumento musical, havendo a opção de vendê-lo caso queira. Já nos grupos de Maracatu Nação esses instrumentos são coletivos, mesmo que cada integrante toque apenas um instrumento específico (Lima, 2014b).

O autor explica que os grupos percussivos podem ou não ter uma corte real, que é um dos elementos que compõem os grupos de Maracatu tradicionais, citando ainda a questão das disputas do uso da terminologia “Nação”, por parte dos grupos percussivos. Segundo o autor “Vários grupos de Olinda, por exemplo, se apresentam como nações e se utilizam deste termo para se autoneomarem, mesmo que tenham uma performance possível de ser enquadrada na lógica do consumo e, por conseguinte, sob a estética e formato de um grupo percussivo” (Lima, 2014b, p.323).

Contudo, já traçamos alguns apontamentos em torno da questão da disputa de legitimidade entre maracatu tradicional e grupo percussivo de maracatu, e não retornaremos a essa discussão, visto não termos fôlego para aprofundar essa problemática no presente estudo. Passemos, então, ao segundo capítulo desse trabalho, cujo objetivo consiste em apresentar e explorar algumas nuances do grupo percussivo cultural Maracatu Sol Brilhante, da cidade de Gravatá-PE.

CAPÍTULO II: GRUPO PERCUSSIVO CULTURAL MARACATU SOL BRILHANTE

Este capítulo abordará a trajetória de criação do grupo percussivo cultural Maracatu Sol Brilhante, sediado na cidade de Gravatá, estado de Pernambuco. A construção do capítulo tem como base o método e as técnicas da História Oral, que segundo Magdalena Maria de Almeida (2012), se baseia na coleta e preservação dos relatos das testemunhas, para tanto, nos utilizamos da técnica da entrevista semiestruturada, as entrevistas foram gravadas e transcritas. Sendo assim, foram realizadas duas entrevistas com os principais líderes do grupo percussivo, com o objetivo de compreender a trajetória do grupo percussivo cultural Maracatu Sol Brilhante e seu lugar sociocultural na cidade de Gravatá, que fica situada no agreste pernambucano a cerca de 84 km da cidade de Recife. A cidade tem uma população de cerca de 86 mil habitantes, segundo dados do IBGE (2022).

A cidade também é conhecida como Suíça brasileira ou Suíça pernambucana, devido ao seu clima agradável principalmente durante o inverno, pois se localiza no Planalto da Borborema, atraindo diversos visitantes em época de festas. A cidade de Gravatá possui diversos atrativos turísticos, entre os quais se destacam as trilhas, cachoeiras, culinária, a Rua Duarte Coelho, mais conhecida como Rua do Polo Moveleiro, pela quantidade de lojas que vendem móveis rústicos, e é sede de eventos culturais mensais que são promovidos pela gestão municipal.

2.1 A idealização do Grupo Percussivo Cultural Maracatu Sol Brilhante e seus fundadores

Como dito anteriormente foram realizadas duas entrevistas para a coleta das informações necessárias à construção deste capítulo, ambas as entrevistas foram realizadas de forma presencial mediante agendamento prévio com os nossos entrevistados. A primeira entrevista foi realizada no dia 21 de setembro de 2023, com o integrante e um dos líderes do grupo, Maciel Ferreira da Silva, mais conhecido por Mestre Ciel. A segunda entrevista foi realizada no dia 26 de setembro de 2023, com a também integrante Carolina Maranhão, a atual presidente do Grupo Maracatu Sol Brilhante. As entrevistas foram gravadas e transcritas, com as devidas autorizações e assinaturas no termo de consentimento de áudio e imagem de ambos entrevistados.

Nesse momento do texto consideramos pertinente conhecer um pouco sobre os entrevistados. Mestre Ciel, além de fazer parte do grupo de percussão cultural Maracatu Sol Brilhante, ministra aulas de Maracatu na ONG *Grupo de Apoio aos Meninos de Rua* (GAMR), ele também atua na rede de ensino na cidade de Caruaru, no agreste pernambucano, e no Instituto *Abdalaziz de Moura* (IAM), localizado na cidade de Gravatá.

Já Carolina Maranhão, é natural de Olinda, formada em letras, e segundo a entrevistada desde cedo trabalha no mundo corporativo. No âmbito do ambiente educacional, ela afirma se interessar mais pelo campo da pesquisa. Após conseguir uma melhor estabilização financeira fez especialização e hoje é mestranda em linguística pela UFPE.

Ambos entrevistados já haviam tido contato com o Maracatu antes do grupo de percussão ser formado. Mestre Ciel teve um primeiro contato com tal expressão cultural por meio de um amigo que morou um tempo na cidade do Recife. E segundo ele, esse contando foi possível devido ao movimento *MangueBeat* que colocou a cultura pernambucana em evidência nos anos 1990. Dito isso, mestre Ciel relata que ainda durante os anos 2000, ele e Dinho – amigo referido acima – tiveram a ideia de montarem um maracatu, segundo seu relato:

[...] por telefone eu perguntei a ele porque a gente não monta um maracatu aqui? Ele vê se dá certo? Eu digo, dá! E foi aí que ele, algum tempo, ele veio morar aqui. Falei com o Edson, a gente conseguiu dois tambores, desses dois tambores transformou-se em dez, depois transformou-se em vinte, depois tá até hoje.

Aqui, é preciso esclarecer que o grupo citado por Mestre Ciel acima não se trata do Maracatu Sol Brilhante. Trata-se do grupo de percussão do GAMR, que é composto por crianças e adolescentes que fazem parte da ONG de mesmo nome, a qual contempla projetos sociais e culturais voltados principalmente para esse público. Ou seja, a efervescência cultural vivenciada em Recife nos anos 1990, momento no qual expressões culturais como o maracatu ganharam espaço e evidência, impulsionou as diferentes experiências com o maracatu na trajetória de vida do mestre Ciel.

O percurso foi um pouco diferente para Carolina Maranhão. Segundo Carolina, a idealização do grupo Maracatu Sol Brilhante veio após ela trabalhar dez anos em uma multinacional em Fortaleza e retornar para Olinda, sua cidade natal. No ano de 2009, em ocasião do seu retorno a Pernambuco, ela e a família haviam passado o natal na cidade de Gravatá, momento no qual resolveu mudar-se para a cidade e ali se estabelecer, contudo, segundo Carolina, ela sentiu falta das experiências que havia vivido em Olinda, referindo-se

às experiências culturais. Nessa mesma ocasião, a então moradora de Gravatá conheceu os atuais líderes do grupo, por meio de uma pessoa em comum, conforme a mesma relatou:

[...] tinha uma menina que trabalhava comigo chamada Nice, que hoje coincidentemente trabalha comigo de novo. Eu comentei com ela que eu tava com saudade de ter essas experiências que eu tinha, culturais, né, da cultura popular que eu tinha em Olinda, e Nice me apresentou uma pessoa, disse: oh, vai aqui também tem dona Carolina! Vou lhe apresentar uma pessoa que vai, é... Eu disse eu queria tocar maracatu, ela disse: Ah, vou lhe apresentar uns amigos e aí ela me apresentou a Maciel, o Mestre Ciel, e me apresentou ao Wellington, né? Que essa época era um grupo pequeno que vivia tocando, ensaiando e tal, mas, na época não se apresentavam, né? Porque era oriundo de um maracatu chamado Maracatu Amigos do GAMR. Mas esse grupo tava meio separado com o tempo, e tinha uma meia dúzia de pessoas, né? E aí eu fui pra lá, confeccionei um tambor, pedi a Maciel pra confeccionar um tambor e começamos a... Comecei a tocar e a desenvolver uma amizade que eu posso dizer a você, que é um irmão, é uma família que eu tenho aqui. Então eu me aproximei muito fortemente de Maciel e Wellington, primeiro, né? De Cristiane, que é a esposa dele (Maciel), Nane, por fim, de Lucas, que todos faziam parte do maracatu.

Carolina continua explicando que após essa aproximação com o grupinho dos integrantes do maracatu *Amigos do GAMR* surgiu a ideia de formarem um coletivo. A intenção era estruturar o grupo de amigos que se reunia informalmente em um coletivo formal de maracatu, um coletivo de percussão de maracatu:

[...] um belo dia e eu comecei a dar as minhas opiniões como deveríamos proceder aqui, referente ao que eu tinha vivido nos maracatus e nos festivais, em Olinda, né? Pela minha experiência de Olinda, e a gente começou a fazer umas pequenas mudanças aonde existe... Nesse grupo não tinha maracatu sol brilhante ainda. Até que um dia o Maciel disse assim: “oh Carol... daquele jeito dele: “Ô Carolzinha, bem que a gente podia criar um coletivo aqui, né? Pra gente fazer o maracatu da gente!”. Ah, vamos fazer, né? Ele não fala assim? Ah, vamos fazer, e aí a gente criou o coletivo Maracatu Sol brilhante e foi a partir daí que juntamos eu, Wellington, Cristiane, que a gente chama Nane, Lucas e Maciel, né?

Portanto, a origem do grupo de percussão Maracatu Sol Brilhante em Gravatá foi marcada pelas diferentes experiências que seus integrantes e fundadores tiveram com o maracatu, nas cidades de Recife e Olinda, que são expoentes das manifestações artístico-culturais em interface com o turismo.

Carla Borba da Mota Silveira, em sua tese de doutorado intitulada de *Nós Somos o Mundo: Políticas culturais e Turismo em tempos globalizados* (2010) discute a relação turismo e cultura popular em Pernambuco. No mesmo trabalho, a autora observa uma

dinâmica entre os centros urbanos, principalmente as capitais e as regiões interioranas e rurais. Segundo Silveira (2010, p.13),

[...] o processo de instrumentalização da cultura por meio de políticas públicas voltadas para o turismo, visualizando esta atividade como processo dinâmico e criativo, em que os atores envolvidos se relacionam, dialogam, negociam e interagem, rompendo, assim, com a perspectiva focada no encontro entre “visitantes e visitados.

Dessa forma, podemos compreender que essas dinâmicas culturais são incentivadas por políticas estaduais e municipais voltadas ao fomento do turismo no estado de Pernambuco. Essas dinâmicas proporcionam uma troca de experiências e vivências, assim como vislumbram o estímulo econômico que é gerado pelo turismo, trazendo, como consequência, visibilidade às localidades e à cultura popular. A cidade de Gravatá se encaixa nesse circuito de um turismo em torno da cultura popular, dentre outros atrativos.

2.2 De Coletivo a Grupo de Percussão Cultural Maracatu Sol Brilhante

O coletivo e posterior grupo de percussão de maracatu idealizado e criado pelo Mestre Ciel e Carolina Maranhão surgiu entre os anos de 2017 e 2019, inicialmente como um coletivo e, posteriormente, organizado como um grupo de percussão cultural. Thiago Zimmerle Thomaz (2022) faz uma reflexão pertinente quanto aos grupos de percussão, os quais se manifestam de formas diversas, cujas práticas adotadas são influenciadas pelas suas lideranças, segundo o autor: “Caso o grupo percussivo possua uma liderança que já participou de grupos tradicionais, ou tenha fortes laços com esses grupos, certamente as formas de expressão e estratégias de gestão do grupo serão parecidas com as da cultura do maracatu nação” (2022, p.14).

Essa observação se aplica ao caso estudado, isso porque, tanto Mestre Ciel quanto Carolina tiveram essa experiência de estarem próximos de grupos tradicionais de Maracatu Nação ou Rural. Mestre Ciel participou há muitos anos do Maracatu dos Coelhos, na cidade de Recife, também realizou algumas oficinas de maracatu com o grupo Porto Rico. Já Carolina, por ser natural de Olinda, teve a experiência de vivenciar o maracatu na sua vida cotidiana dado o grande fluxo de atividades culturais dessa natureza que ocorrem naquela cidade. Segundo a presidente do Grupo Sol Brilhante, desde sua infância ela teve contato com as culturas populares, algumas das quais cita durante a entrevista como: o coco de roda, os

maracatus como o Piaba de Ouro, e grupos de afoxés. Dessa forma, as experiências que ambos tiveram contribuíram para a criação e a forma como o grupo se constituiu e se identifica. A exemplo da escolha do nome do grupo percussivo, sobre o qual Carolina explica o seguinte:

Carolina - Eu tive uma ideia de fazer umas oficinas pra chamar mais componentes, e aí nós criamos uma oficina. Pra criar essa oficina, a gente tinha que ter um nome bem legal, então, como é que fica? Aí surgiram vários nomes, como esse nome “sol brilhante”, até uma sugestão minha, a gente colocou em votação e a gente ganhou. Confesso que eu na época eu não pensei nisso, mas hoje eu acho que trouxe, que falou uma voz dentro de mim do Estrela Brilhante, pra chegar nesse sol brilhante, sabe?

Luanna - Estrela Brilhante é o maracatu que tem em Recife, né?

Carolina - É um Maracatu que fica em Recife [...] Eu nem ia pro Estrela Brilhante, nunca fui no Estrela Brilhante, mas são as loas do Estrela Brilhante que são muito fortes. E eu acho que quando eu dei essa sugestão inconscientemente eu trouxe alguma coisa, né, bebi na fonte do Estrela Brilhante. E aí ficou o Sol Brilhante! Essa é a história da fundação do maracatu. Daí resolvemos – como eu sou da educação –, resolvemos a partir desse coletivo criar uma ONG, e o Maracatu é um dos braços dessa ONG, pra trazer essa cultura.³

A ONG a que Carolina se refere acima não se trata da GAMR da qual já tratamos anteriormente. A ONG Centro Cultural Sol Brilhante foi criada por Carolina, Maciel, Cristiane, Wellington e Lucas, os líderes do grupo de percussão e tem como carro-chefe o maracatu. A Organização oferece outros projetos voltados para a educação, dentre eles o bisaque da leitura – voltado especialmente para crianças das zonas rurais do município de Gravatá –, caracterizando-se pelo incentivo à leitura, acompanhamento pedagógico e familiar, cronograma de leitura, teatro de mamulengo e rodas de leitura. Já “boi-zangão do Caruá” está ligado ao projeto anterior, fazendo apresentações culturais sendo utilizado como uma ferramenta da cultura popular da ONG Centro Cultural Sol Brilhante. O boi-zangão do Caruá é formado pelo boi zangão do Caruá, a burrinha mimosa e personagens do folclore como: Bastião, Mateus e Catirina.

A ONG abarca também outros projetos como a Arte no Cruzeiro, que visa divulgar o trabalho de artesãos do bairro do Cruzeiro, promovendo uma feirinha nos finais de semana,

³ Segundo Santos e Helal (2018), o grupo tradicional Maracatu Estrela Brilhante de Igarassu é um dos grupos tradicionais mais antigos de Pernambuco, tendo sido fundado no ano de 1824. Segundo o site Cultura-PE, apresenta relatos de história oral que sugerem que o grupo pode datar do ano de 1730, contudo, ele foi oficializado em dezembro de 1824. O grupo Maracatu Estrela Brilhante é identificado como Maracatu Nação ou Baque Virado.

nas proximidades da igreja Cristo Rei. Há, ainda, a Banda de Pífano que surgiu em 2017 por idealização de Mestre Ciel, com o intuito de manter viva essa tradição, fazendo apresentações durante os períodos festivos na cidade de Gravatá. Em resumo, a ONG ligada ao Grupo percussivo mantém no município de Gravatá projetos que abrangem o público infantil das zonas urbana e rural do município e projetos especificamente destinados ao público da zona rural, com o intuito de fomentar a cultura para as áreas rurais, mas, também visando promover espaços educativos, de incentivo à leitura. Portanto, a ONG dedica-se a fomentar cultura, educação, inclusão e a valorização da cultura popular no município de Gravatá.

2.3 O Grupo percussivo e as religiões de matriz africana

Voltando a discutir algumas questões relacionadas ao grupo de percussão cultural Maracatu Sol Brilhante, entre as quais podemos citar a questão religiosa, como mencionado no capítulo anterior, os grupos de maracatu tradicionais têm uma ligação muito forte com as religiões de matriz africana, e quando saem às ruas são as representações dos respectivos terreiros dos quais fazem parte. Segundo o Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana (Brasil 2013), o termo “matriz africana” é definido como:

“Grupos que se organizam a partir dos valores civilizatórios e da cosmovisão trazidos para o país por africanos para cá trasladados durante o sistema escravista, o que possibilitou um contínuo civilizatório africano no Brasil, constituindo territórios próprios caracterizados pela vivência comunitária, pelo acolhimento e pela prestação de serviços à comunidade.” (Brasil 2013,p.12)

Já Beatriz Martins Moura, em sua dissertação intitulada *AQUI A GENTE TEM FOLHA: Terreiros de religiões de matriz africana como espaços de articulação de saberes* (2017), explica que os terreiros de matriz africana vão além de espaços de vivência religiosa, são espaços de articulação de saberes sobre essas religiões de matriz africana. Dessa forma, podemos compreender que, inicialmente, os grupos e comunidades tradicionais se organizam de acordo com os valores e maneira de compreender o mundo pela visão dos povos africanos na experiência da diáspora, e que os terreiros são espaços de aprendizado dessas articulações das religiões de matriz africana.

Diferentemente dos grupos tradicionais de maracatu, a ligação com religiões de matriz africana não é algo inerente aos grupos percussivos de maracatu, apesar disso, o grupo de percussão cultural Maracatu Sol Brilhante guarda o respeito pela origem e as raízes ancestrais a cada ensaio do Grupo. Mestre Ciel explicou um pouco, durante a entrevista concedida, como é tratada a questão religiosa no interior do grupo de percussão Maracatu Sol Brilhante:

[...] a gente toca maracatu, a gente tem um grupo de percussão. Mas a gente não poderia nem usar o nome Maracatu, usa o nome de um grupo de percussão aí o que é que o grupo de percussão toca? Toca coco, toca, maracatu toca tudo porque é... nação de maracatu e grupo de percussão, são duas coisas bem distintas só por causa desse nomezinho, né? Nação! Nação de Maracatu, que que rege? Tem que ser uma casa de candomblé, tem que se ter um pai de santo, tem que ter um terreiro lá pra reger esse maracatu. E realmente quem fundou essa nação, era e os reis era as rainhas que vinham do Congo que foram escravizados aqui, e realmente eles eram reis e rainha nas suas nações lá. Basicamente, a diferença é essa ainda o cunho religioso. Agora, Luanna, a gente, quando tá tocando o maracatu no Sol Brilhante e tudo a gente passa isso pros meninos, a gente nunca escondeu e nunca vai.

Como visto no capítulo anterior, Lima (2014b) discute as principais diferenças entre grupos de Maracatu Nação tradicionais e os grupos de percussão. Como apresentado anteriormente, nos grupos de Maracatu tradicionais há um forte sincretismo religioso e vivência comunitária, de modo que os membros e líderes de Maracatu são pertencentes a uma determinada religião de matriz africana: umbanda, candomblé ou jurema, o que torna esses laços do Maracatu com a comunidade mais forte. Já para grupos percussivos Lima (2014b) explica que não há essa vivência, principalmente no aspecto religioso, onde os grupos são compostos por jovens de classe média que se reúnem, geralmente, aos finais de semana, para ensaiar.

Contudo, podemos perceber que o grupo percussivo cultural Maracatu Sol Brilhante, leva o aspecto religioso em consideração nas suas atividades. Mesmo o grupo não sendo associado a um terreiro, e muitos de seus integrantes não sejam adeptos a uma determinada religião de matriz africana, o zelo para com os orixás é ressaltado durante os ensaios e oficinas do Grupo, como mencionado por Mestre Ciel em seu relato. Pode-se levar em consideração também que sendo os líderes do grupo percussivo membros de terreiros de umbanda e candomblé, as suas posições terminam influenciando para certa reprodução de práticas ligadas aos terreiros, assim como contribuem para educar os seus membros contra a intolerância religiosa. Mas é bem verdade, que os vínculos particulares dos líderes do Grupo

com as religiões de matriz africana não refletem uma vivência religiosa e comunitária dos demais membros.

Diferentemente da ideia de “matriz africana” bastante trabalhada para tratar expressões de canto, dança, ritmos afrodescendentes, o professor e fundador do NEPAA (Núcleo de Estudos das Performances Afro-Ameríndias), Zeca Ligiério, trabalha com a categoria de “matriz cultural”, que consideramos adequada ao trato dos grupos percussivos. O autor define o conceito como “uma série de procedimentos cênicos, dentre os quais o inseparável quarteto “cantar/dançar/batucar/contar”, como ferramenta fundamental para recuperar comportamentos ancestrais” (Ligiério, 2017, s/n). Ainda segundo Ligiério:

A performance de origem africana, ao mesclar o jogo (a brincadeira) com o ritual, empresta a toda tradição popular brasileira um tônus e uma rítmica própria, criando uma literatura corporal que muitos identificam genericamente como “brasileira”. Uma forte característica das performances afro-americanas, em geral, é justamente a via dupla entre o jogo (a brincadeira) e o ritual. Aspectos comumente tidos como opostos nas religiões ocidentais, encontram nas chamadas celebrações tradicionais afro-americanas um campo fértil de distensão e reencontro com as forças da natureza (Ligiério, 2017, s/n).

O autor trabalha com a ideia da influência de filosofias e religiosidades tradicionais diversas para pensar a performance do cantar, dançar e batucar, o que é bastante interessante para pensar a constituição dos grupos percussivos de maracatu, que não estão inseridos diretamente na experiência dos terreiros de religiões de matriz africana, como o maracatu nação, mas bebem dos maracatus tradicionais: nação e rural, agregando influências afrodescendentes e indígenas, dentre outras.

Dito isso, ambos os entrevistados são oriundos de terreiros de umbanda e candomblé, assim, percebemos que a questão religiosa de matriz africana se faz presente. Mesmo que o grupo não seja vinculado a um terreiro de religião de matriz africana, como é o caso dos grupos de Nação, há essa preocupação em demarcar o papel da questão religiosa por parte do mestre e dos fundadores do Grupo Maracatu Sol Brilhante em relação aos integrantes do grupo. Acontece um processo educativo a cada ensaio e a cada nova oficina que é realizada, segundo Mestre Ciel:

É porque o **som é sagrado, o instrumento é sagrado**, porque pra gente tocar num tambor, Luanna, teve um sacrifício ali. Aí muita gente vai dizer “virgem Maria, um sacrifício”... Oh danado é um bode que foi morto, uma churrascaria ali onde tu vai comer a carne, isso foi um sacrifício que ele fez

pra te alimentar. Então quer dizer, o coro dele virou um instrumento musical, a árvore que foi derrubada, olhando nesse contexto pra né? Tirar um pouco essa esse peso do sacrifício, que muita gente demoniza, né?

É pertinente discutir sobre discriminação e intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana. Segundo Nathalia Vince Esgalha Fernandes (2022), a luta e as reivindicações por respeito às suas práticas religiosas acontecem desde o período colonial. Como abordamos no capítulo anterior, durante a *Era Vargas* os terreiros de religiões de matriz africana sofreram duras repressões, e nos dias atuais os praticantes ainda sofrem hostilização, violência física ou verbal, entre outras. Uma matéria do portal de notícias *G1*, de 18 de janeiro de 2023, aponta que as religiões de matriz africana são o alvo preferencial dos casos de intolerância e ataques à liberdade religiosa no Brasil. Segundo este veículo de informação, o Ministério dos Direitos Humanos levantou, apenas para o ano de 2022, o número de 1.200 ataques dessa natureza, o que corresponde, segundo o MDH, a um aumento de “45% em relação a 2020” (*G1*, 03/12/2023).

Em janeiro de 2023, o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº. 14.532/23 que equipara o crime de injúria racial ao crime de racismo, este, imprescritível e inafiançável. A nova lei passa a impor punições mais duras a esse tipo de crime. Em seu parágrafo 2º-B do Artigo 2º-A, a Lei define o seguinte: “Sem prejuízo da pena correspondente à violência, incorre nas mesmas penas previstas no caput deste artigo quem obstar, impedir ou empregar violência contra quaisquer manifestações ou práticas religiosas” (Presidência da república, Brasília, 11 de Janeiro de 2023).

Retornando à fala de Mestre Ciel podemos notar que o grupo de percussão cultural Maracatu Sol Brilhante busca realizar um papel educador entre os seus membros, especialmente no que diz respeito ao combate ao racismo religioso.

2.4 A estrutura organizacional e atuação de um grupo percussivo a partir do Maracatu Sol Brilhante

Adentrando na questão dos personagens dentro do grupo de percussão, Carolina explica que o grupo tem os personagens da corte, o rei e rainha, palio ou escravo, o porta-estandarte e a percussão, com exceção da dama do paço e da calunga, pois essas duas personagens são essencialmente personagens dos grupos de Maracatu Nação, especificidade definida pelo seu vínculo com os terreiros de religiões de matriz africana. Sobre as

personagens específicas do maracatu nação, Carolina fala o seguinte sobre a ausência da Calunga dentre as personagens que compõem o grupo percussivo Sol Brillante:

(...) Se você for entrevistar um dia, conversar, um dia com o pessoal de Estrela Brilhante, Piaba de Ouro, o pessoal do... de outros maracatus, que tem o nome Nação, eles têm um terreiro, porque o maracatu é uma representação do terreiro, né? Tanto é que existe uma personagem chamada Calunga, que quando a gente foi montar o maracatu da gente houve essa ideia de ah, não, a gente vai botar uma Calunga pra homenagear. Eu fui uma das pessoas contra, porque a calunga, pelo que eu estudo, é um ser imantado inteiro pra proteger o maracatu. Então é como se fosse um uma representação de uma identidade, né? Das religiões dos povos africanos. Então eu acho que, embora eu Carolina seja umbandista, outras pessoas como eu no nosso grupo também o são, mas assim a gente não tem um terreiro, entendeu?

Figura 2: Rei, Rainha e Palio ou Escravo



Fonte: Foto cedida pelo grupo.

Figura 3: Mestre Ciel



Fonte: Foto cedida pelo grupo.

Figura 4: Apresentação do Grupo de percussão cultural Maracatu Sol Brilhante



Fonte: Foto cedida pelo grupo.

No capítulo anterior discutimos alguns pontos que diferenciam os grupos tradicionais dos grupos de percussão, entre estes pontos está a mensalidade que é cobrada aos integrantes para fins de manutenção dos grupos de percussão, como também para que os integrantes possam participar das apresentações que exijam deslocamentos, o que envolve transporte, alimentação etc. No entanto, essa não é uma prática do Sol Brilhante, segundo Carolina Maranhão explicou:

[...] Não existe mensalidade não, não existe ainda. Continuo defendendo que nós não estamos maduros o suficiente, que a mensalidade existe quando você já tem um grupo fortalecido, que a pessoa disse assim, ah, eu quero pertencer a isso eu vou pagar pra manter, mas não é o caso ainda né? Acho que a gente ainda tem chão pra percorrer.

Dessa forma, o grupo se mantém com um “cachê simbólico” que a Prefeitura de Gravatá paga ao Grupo quando o mesmo é chamado para alguns eventos na cidade, como parte da programação dos festejos públicos que a prefeitura promove ao longo do ano. O que significa que o grupo percussivo está inserido na vida cultural do município e goza do reconhecimento público acerca do trabalho cultural e artístico desenvolvido na cidade. Portanto, na ausência da cobrança de uma mensalidade aos integrantes, os próprios fundadores bancavam, inicialmente, as despesas do Grupo, o que hoje é atenuado pelo recebimento dos referidos cachês pelas apresentações culturais do Grupo em Gravatá:

[...] A gente precisa guardar o tambor, a gente alugou uma casa lá em cima no Cruzeiro pra guardar os tambores, as indumentárias, os instrumentos, pra gente se reunir. Não era uma sede, era uma casa. Então esses valores, há muito tempo a gente bancou. Cada um era, me lembro. No começo era duzentos e cinquenta reais, somos em e cinco, cada um dava cinquenta e pagava o aluguel. Então, quando começamos a ser chamado para esses eventos que eu acho que a gente é chamado no ano, acho que cinco vezes seis vezes, entendeu? Aí a gente paga essas despesasinhas, paga isso, faz camisa, ne?

A sede do Grupo, até pouco tempo, estava localizada em um terreno de propriedade de Carolina Maranhão, no sítio Caruá, localizado a poucos quilômetros da cidade de Gravatá. Contudo, esse ano (2023), a Prefeitura de Gravatá cedeu um imóvel para que este sirva como a sede do grupo de percussão cultural Maracatu Sol Brilhante, aspecto importante para o processo de organização do grupo de percussão. Mais do que isso, ao angariar o reconhecimento público do seu trabalho e consequente suporte físico da prefeitura, o Grupo percussivo cultural Maracatu Sol Brilhante demonstra que tem se consolidado como importante ator sociocultural na cidade de Gravatá.

O Grupo é constituído por uma diretoria, com os seguintes cargos: Diretor musical; diretor do projeto e diretor financeiro; secretário, presidente e vice-presidente. Sobre o exercício do papel das lideranças à frente da diretoria do Grupo, Carolina explica que a escolha se deu por meio de votações. Mas cada cargo foi ocupado levando em conta as características e habilidades de cada um deles:

(...) a gente votou, a gente votou, mas a gente foi, a princípio, muito pela característica de cada um. Sabe característica pessoal de cada um entendeu? Maciel, é em contexto, é o cara da música, né? Maciel é o representante, da gente é o diretor musical, eu nem gosto muito dessa nomenclatura de diretor do presidente, eu não gosto, mas assim é bem necessário, né? Eu acho, não gosto muito, né? **Então a gente escolheu pela pela experiência profissional, pelo desejo de realização de cada um e também pelas características pessoais**, por exemplo: Maciel, por essa coisa tá muito ligada a música, Maciel é o nosso diretor musical, Lucas é o cara do projeto, né? É o diretor do projeto e financeiro, porque ele é muito organizadinho financeiramente com planilha, essas coisas. É o Wellington, que é o cara assim que tá, dá muita aula, né? O cara é um educador social muito competente, então o Wellington ficou como nosso secretário, porque ele também tem experiência em outras, em outras instituições, como secretário, e aí ele ficou como secretário e coordenador pedagógico. Restou eu e Nane, então eu, por conta da dessa articulação de ter vindo de Olinda de ter essa visão mais macra, eles me colocaram como presidente, e Nane por ser uma pessoa muito diligente, de observar mais, porque eu falo mais, mas Nane observa mais, eu digo que Nane é um complemento, sabe? E Nane como vice-presidente, então foi assim que foi instituída a nossa diretoria.

O trabalho da diretoria costuma ser gerido por meio de reuniões semanais da mesma, quando discutem as demandas da semana e o calendário de atividades, não apenas do grupo de percussão cultural, mas da ONG a qual o Grupo é vinculado. Segundo Carolina, a diretoria atua de forma democrática, respeitando as decisões tomadas no coletivo, por meio de votação. Reuniões, estas, que passaram a acontecer na nova sede do Grupo de percussão, dando a tais reuniões um caráter mais formal. A inauguração de uma sede também possibilitou ao grupo concentrar as suas atividades, configurando o novo espaço como “Centro Cultural” Sol Brilhante.

Quando indagada sobre a composição sociorracial do Sol Brilhante, a nossa entrevistada se mostrou bastante animada e orgulhosa em falar da acolhida à diversidade, como característica do grupo de percussão:

Ah, do grupo em geral, minha filha é uma fauna, eu faço questão, questão, inclusive eu sempre caminho muito nas... tem o pessoal aqui do arco-íris, né? Não sei se você sabe que é um coletivo de LGBTQIA+, que tem o pessoal trans, um pessoal muito forte, assim muito combativo, e a gente está sempre em diálogo com eles, ne? Mas nós não temos nenhuma objeção a nada, crença, cor, orientação sexual, nada, nada, nada nada, nada nada, absolutamente, nada gênero, nada. Entra no nosso, a idade também, nós não temos, da criança ao mais velho, inclusive, muita gente diz assim “Ah, eu queria, eu encontro pessoas com mais idade, que eu queria tocar, mas eu não tenho condição, não sei, nunca toquei, já tô velha”. E eu costumo dizer: minha gente, tocar tambor é igual, viver só se aprende, tocando, sem teoria. Isso pra mim é um ponto de honra, assim nós não temos nenhuma, nenhum senão para qualquer... tem que ser diversidade total, porque eu acredito, meu grupo acredita que é na diversidade que a gente cresce. **A partir do**

momento que eu tenho visões diferentes de mundo eu sou maior, eu sou melhor, eu me torno uma pessoa melhor, né? Porque eu não vejo só pelo meu ângulo, eu vejo pelo ângulo do outro também. Então a gente sempre procura acolher e valorizar, porque é acolher, né? Eu vejo muita gente acolher, mas muita gente acolhendo no sentido, como um objetivo específico, não existe um específico, existe acolhimento e valorização.

Portanto, há uma diversidade sociorracial, dentre outros elementos, na configuração do grupo percussivo maracatu Sol Brilhante que fica explicitada na fala da nossa entrevistada. Diferentemente do maracatu nação que tem um recorte racial e social mais demarcado, pois está vinculado a um terreiro de religião de matriz africana cujos integrantes vivem naquele entorno, os grupos percussivos de maracatu têm características diversas, quando o assunto é a formação sociorracial, tais grupos são bastante heterogêneos no quesito, classe/cor.

A sede do Centro Cultural Sol Brilhante foi inaugurada no dia 19 de novembro de 2023, por meio da concessão de um imóvel por parte da prefeitura de Gravatá, como dissemos anteriormente. Obter uma sede permite ao Grupo uma melhor organização das suas atividades, assim como lhe dá maior visibilidade, podendo ser inserido nos roteiros culturais dos turistas, em visita à cidade.

Figura 5: Fachada da sede Centro Cultural Sol Brilhante



Fonte: Foto de Anderson Souza (SECOM)

Figura 6 Mestre Ciel e Carolina Maranhão



Fonte: Foto de Anderson Souza (SECOM)

Figura 7 Objetos relacionados aos projetos promovidos pelo Centro Cultural



Fonte: Foto de Anderson Souza (SECOM)

Figura 8: Instrumentos e indumentárias



Fonte: Foto de Anderson Souza (SECOM)

Durante a inauguração a qual tive a oportunidade de presenciar, houve uma roda de conversa com o público, debatendo as questões relacionadas à temática racial. Houve, também, apresentação de dança, rap, poesia e música. O momento foi finalizado com apresentações do grupo de percussão Maracatu Sol Brilhante.

Figura 9 Roda de Conversa



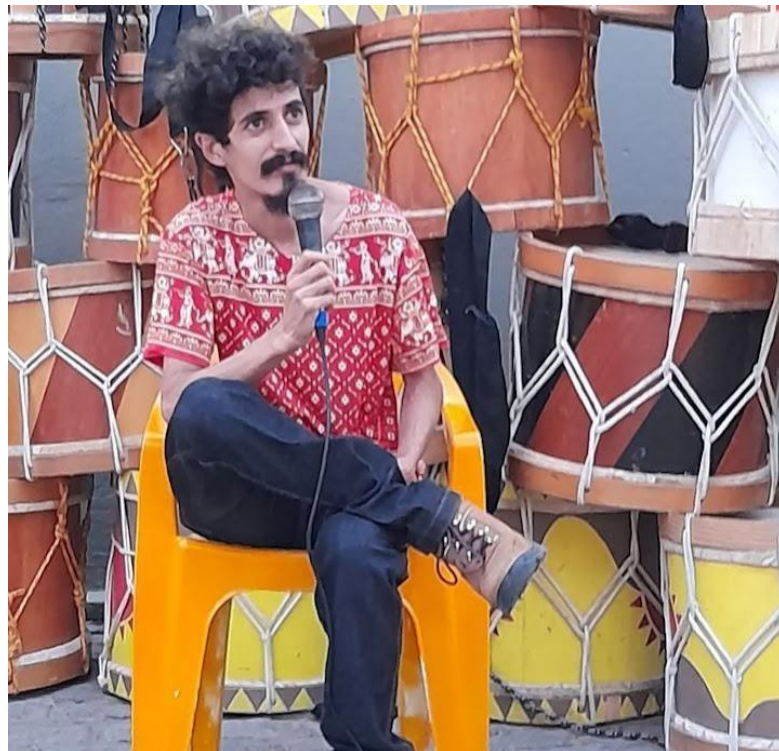
Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 10 Apresentação de dança



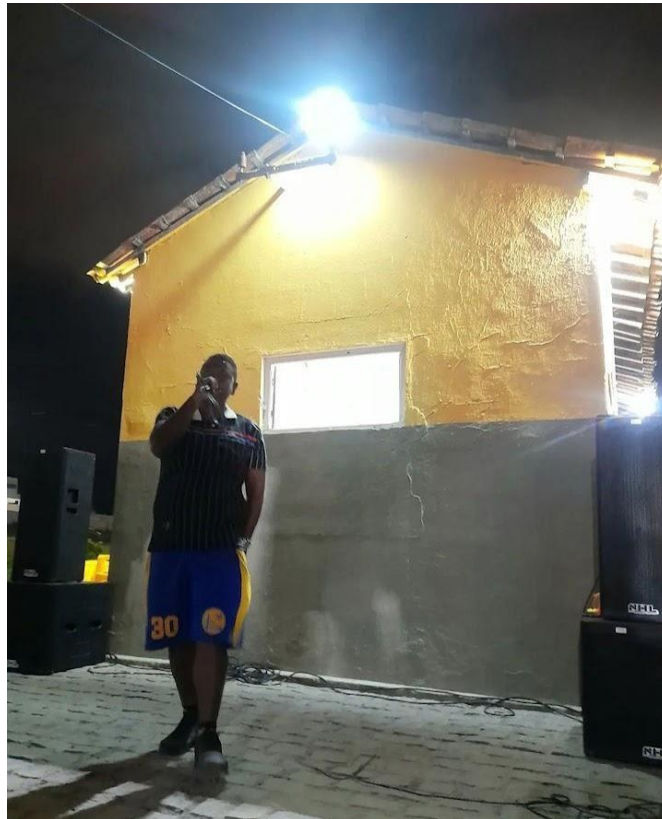
Fonte: foto cedida pelo grupo

Figura 11 Apresentação de poesias



Fonte: Foto cedida pelo grupo.

Figura 12 Apresentação de rap



Fonte: foto cedida pelo grupo

Figura 13 Apresentação de música de viola



Fonte: foto cedida pelo grupo

Figura 14 Apresentação de capoeira



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 15 Apresentação do grupo percussivo Maracatu Sol Brilhante



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 16 Grupo Percussivo Cultural Maracatu Sol Brilhante



Fonte: Arquivo pessoal

2.4.1 Assento do Sol Brilhante no recém-criado Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial

Em setembro de 2023 foi criado o *Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial* (COMPIR) da cidade de Gravatá. O Conselho está ligado à Secretaria da Mulher por meio da Diretoria de Diversidade e Direitos Humanos. A formação do mesmo é constituída de representantes da sociedade civil, movimentos sociais, representantes de religiões de matrizes africanas, indígenas e cristãs (catolicismo e protestantismo). A posse do Conselho foi realizada simbolicamente no dia 20 de novembro de 2023, dia da *Consciência Negra*. Entre os conselheiros tomaram assento dois líderes do Maracatu Sol Brilhante, Lucas Silva e Wellington Lucio, também um dos integrantes do Grupo, Gleidson (Giga ou Giga mandalas).

Nas palavras de Gleidson, um dos conselheiros titulares, o *Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial* foi criado com o intuito de “Promover campanhas, promover ideias e projetos, pra combater o racismo aqui na cidade, e promover a igualdade racial”.

Figura 17 Posse do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial



À direita, Wellington Lucio e o prefeito Joselito Gomes; à esquerda, Lucas Silva e a secretária da Mulher Ester Gomes. Fonte: Site Prefeitura de Gravatá.

Figura 18: Posse do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial.



À direita, o prefeito Joselito Gomes e Gleidson Silva; à esquerda, a secretária da Mulher Ester Gomes e Leonardo Lima. Fonte: Site Prefeitura de Gravatá.

O dia da posse do Conselho foi marcado não apenas pela posse dos conselheiros, mas houve apresentações culturais de dança, capoeira, música e a apresentação artística do grupo Maracatu Sol Brilhante.

Na matéria disponibilizada no site da Prefeitura de Gravatá, além das imagens da posse do Conselho, há falas importantes sobre o combate ao preconceito e a desigualdade étnico-racial, tema que corresponde ao intuito de existência do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial. A formação do mesmo está alinhada a Lei 3.666, de 16 de dezembro de 2014⁴. Um dos destaques da ocasião foi a fala proferida pelo babalorixá Pai Jorge (que pertence a um terreiro de candomblé local), ele diz:

A Prefeitura está trabalhando em prol de tirar as leis do papel e por elas em prática. O prefeito tem dado muito apoio, muita cobertura, a religião como parte das raízes africanas e o poder público dentro disso está dando mais apoio do que as outras gestões passadas, que a gente não tinha a vez que temos hoje dentro de Gravatá. Nós só temos a agradecer ao prefeito de nossa cidade, o prefeito Joselito. No começo a gente tinha um temor que ele viesse perseguir a religião, pelo fato dele ser padre e a gente ser babalorixá a gente achava que seria difícil conseguir as coisas. Mas ele foi o melhor prefeito dentro da parte da religião”. (Prefeitura de Gravatá, Gravatá, 21 de nov. 2023).

A fala de Pai Jorge destaca o reconhecimento dele à gestão municipal de Gravatá pelo espaço aberto às religiões de matriz africana. Ao mesmo tempo, reflete a importância de o poder público assumir como pauta gestora a implementação de políticas públicas de combate ao racismo e promoção da igualdade racial.

A participação dos integrantes do Sol Brilhante no Conselho confere ao Grupo o reconhecimento pelo trabalho de fomento a cultura desempenhado na cidade, e também o coloca como importante agente político transformador no município de Gravatá.

⁴ A Lei Nº 3.666, permite ao município convocar Organizações da Sociedade Civil que desenvolvem ações voltadas à promoção da igualdade racial a se inscreverem no Conselho Municipal da Igualdade Racial (COMPIR).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grupos de percussão de maracatu surgiram em meados do século XX, mas seria a partir do Movimento *MangueBeat* que esses grupos alcançariam maior projeção, pois o *MangueBeat* colocou em evidência a cultura popular pernambucana e estimulou a efervescência cultural, com fortes vínculos com expressões artísticas e culturais populares.

Os grupos de percussão se diferenciam dos grupos de Maracatu tradicionais pelo vínculo comunitários que esses últimos mantêm principalmente no aspecto religioso. Pois como já mencionado no texto, há um forte sincretismo religioso, os grupos de Maracatu tradicionais quando saem às ruas para desfilar estão representando o terreiro ao qual estão ligados, e essa representação é feita pela Boneca Calunga (considerada um ser sagrado), que é carregada pela Dama do Paço. Já com relação aos grupos percussivos, a composição dos integrantes na grande maioria é de pessoas brancas e de classe média, que se encontram apenas aos finais de semana para os ensaios, e podem ou não ter em sua composição personagens dos Maracatus, com exceção de algumas personagens que estão presentes exclusivamente no maracatu nação e rural, pela relação destes com os terreiros e os orixás.

Nesse trabalho tomamos o conceito de *representação* para compreender as construções e reconfigurações sociais e discursivas relacionadas ao maracatu tradicional e os grupos percussivos de maracatu. Nesse sentido, as noções de “verdadeiro” e “falso” para referir às expressões de maracatu, são melhores compreendidas se entendemos que as agremiações de maracatus nascem no interior de grupos sociais diferentes, que projetam classificações e exclusões exteriores, a partir das representações interiores ao grupo.

O grupo de percussão cultural Maracatu Sol Brilhante é de fundação recente, foi formado na cidade de Gravatá entre os anos de 2017 e 2019, inicialmente como um coletivo de amigos e, posteriormente, tornando-se um grupo de percussão cultural à frente, hoje, de um centro cultural de mesmo nome. Dessa forma, acredito que os objetivos da pesquisa foram alcançados, pois buscamos evidenciar, nesse trabalho, as especificidades e características dos grupos percussivos com relação aos grupos tradicionais de maracatu nação e rural, a partir do nosso objeto de estudo: o Sol Brilhante. Bem como foi objetivo do estudo apresentar e analisar a trajetória de formação, organização, atuação e lugar sociocultural do grupo Maracatu Sol Brilhante na cidade de Gravatá.

Nesse sentido, observou-se que o grupo de percussão cultural Maracatu Sol Brilhante, tem desempenhado significativo papel para a preservação da cultura popular em Gravatá, ao

promover oficinas voltadas à comunidade, sem distinção de público etário. Além disso, o grupo é o carro-chefe do Centro Cultural Sol Brilhante que, além das atividades culturais desenvolvidas na cidade, promove projetos educativos voltados para a zona rural de Gravatá, com o intuito de fomentar ações educativas e culturais voltadas às crianças e seus familiares, possibilitando a disseminação do conhecimento e a preservação da cultura popular pernambucana. No mais, espero que esse trabalho contribua para a compreensão da trajetória do grupo percussivo Sol Brilhante e o papel cultural, educador e político por ele desempenhado no município de Gravatá, Pernambuco.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Magdalena Maria de. . História oral e formalidades metodológicas. In: XI Encontro Nacional de História Oral. Memória, Democracia, Justiça, 2012, Rio de Janeiro. XI Encontro Nacional de História Oral. Memória, Democracia, Justiça. Rio de Janeiro: UFRJ IFCS IH, 2012. v. 1. p. 1.

BACELETE, Bruna. Maracatu nação como expressão de resistência em contextos de dominação e poder. **Em Sociedade**, v. 4, n. 1, p. 32-57, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2595-7716.2022v4n1p32-57>. Acesso em: 14 de set. 2023.

BRASIL. Lei nº 14.532, de 11 de janeiro 2023. Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar como crime de racismo a injúria racial, prever pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114532.htm. Acesso em 04 de dez. 2023.

CAMBINDA do Cumbe brinquedo centenário. Jornal do Commercio. Recife, 05 jan. 2018. Disponível em: <especiais.jconline.ne10.uol.com.br/maracatucambinda/historia/> acesso em 20 de setembro de 2023.

CENTRO Cultural Sol Brilhante. Projetos. Disponível em: <https://www.centroculturalsb.org/>. Acesso em: 13 de dez. 2023

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. pp. 13-28. Disponível em: https://www.academia.edu/44116842/A_HIST%C3%93RIA_CULTURAL_ENTRE_PR%C3%81TICAS_E_REPRESENTA%C3%87%C3%95ES_MEMORIA_e_SOCIEDADE. Acesso em: 23 de set. 2023

COSTA, Thatyane Roberta de Castro. A Mundialização da Cultura e os Processos de Homogeneização e Formação da Cultura Global. **Universitas: Relações Internacionais**, v. 2, n. 1, 2004. Disponível em: <https://www.gti.uniceub.br/relacoesinternacionais/article/viewFile/301/255>. Acesso em: 05 de out. 2023.

CULTURA PE. Maracatu Estrela Brilhante de Igarassu. Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/pagina/patrimonio-cultural/imaterial/patrimonios-vivos/maracatu-estrela-brilhante-de-igarassu/>. Acesso em: 15 de dez. 2023.

DIAS, Maria Carolina Vieira Maranhão. Entrevista concedida a Luanna Carla Rodrigues da Silva. 26 de setembro/2023.

FERNANDES, N. V. E. A discriminação contra religiões afro-brasileiras: um debate entre intolerância e racismo religioso no Estado brasileiro. **Revista Calundu**, [S. l.], v. 5, n. 2, 2022. DOI: 10.26512/revistacalundu.v5i2.41406. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/41406>. Acesso em: 10 de nov. 2023.

FIALHO, Laís Azevedo. O Maracatu como Ferramenta Política e Descolonização da Cultura. **Revista Neiab**, v. 1, n. 1, p. 3-2, 2017. Disponível em: <http://sites.uem.br/neiab/revista-neiab/3-2.pdf>. Acesso em: 17 de set. 2023

FIGUEIREDO, Ana Paula. **Posse do Conselho Municipal de Promoção pela Igualdade Racial de Gravatá é realizada no emblemático Dia da Consciência Negra**. Prefeitura de Gravatá, 21 nov 2023. Disponível em: <https://gravata.pe.gov.br/noticia/posse-do-conselho-municipal-de-promocao-pela-igualdade-racial-de-gravata-e-realizada-no-emblematico-dia-da-consciencia-negra/>. Acesso em: 17 de dez. 2023.

FRANÇA FILHO, Walter Ferreira de. **Tradições compartilhadas: maracatus-nação e grupos percussivos na efervescência cultural de Pernambuco dos anos 1990**. 2016, 144 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/26603>. Acesso em: 23 de set. 2023

GUILLEN, Isabel Cristina Martins Maracatus-nação, uma história entre a tradição e o espetáculo. In GUILLEN, Isabel Cristina Martins (org). **Tradições e Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco**, Editora Universitária, UFPE: Recife, 2008.

_____. Guerra Peixe e os maracatus no Recife: trânsitos entre gêneros musicais (1930-1950). **Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte**, v. 9, n. 14, p. 235-251, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/34019385/Guerra_Peixe_e_os_maracatus_do_Recife_tr%C3%A2nsitos_entre_g%C3%AAneros_musicais_1930_1950_ArtCultura_UFU_v_09_p_235_252_2007. Acesso em: 19 de set. 2023.

_____. Maracatus-nação entre os modernistas e a tradição: discutindo mediações culturais no Recife dos anos 1930 e 1940. **Clio**, v.21, n1, 2003, p. 107-135. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/24846>. Acesso em: 14 de set. 2023

_____. Cultura negra e patrimônio cultural em Pernambuco: o caso dos maracatus nação. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH• São Paulo**, 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300671383_ARQUIVO_TextoGuillen.pdf. Acesso em: 16 de set. 2023

GUILLEN, Isabel Cristina Martins; LIMA, Ivaldo Marciano de França. Os maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-1990). **Saeculum**, n.14, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11350>. Acesso em: 15 de set. 2023

IBGE. Brasil/ Pernambuco/ Gravatá. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/gravata/panorama>. Acesso em: 11 de dez. 2023.

IPHAN. **Dossiê do maracatu-nação: Inventário Nacional De Referências Culturais – INRC do Maracatu-Nação** (2013). Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em 28 de jul. 2023

_____. **INRC do Maracatu Nação: Inventário Nacional de Referências Culturais (Dossiê)**. Brasília: IPHAN, 2013. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer%20DPI_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em: 05 de set. 2023

_____. **Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana 2013 - 2015**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/plano_nacional_desen_sustentavel_povos_comunidades_trad_matriz_africana.pdf. Acesso em: 16 de dez. 2023.

JORNAL NACIONAL. Lei torna mais severas as penas para crimes de intolerância religiosa, 18 jan. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/01/18/lei-torna-mais-severas-as-penas-para-crimes-de-intolerancia-religiosa.ghtml>>. Acesso em: 3 dez. 2023.

KOSLINSKI, Anna Beatriz Zanine. El maracatu fuera de las favelas: grupos de percusión . In: KOSLINSKI, Anna Beatriz Zanine **Maracatus-Nação y mercado cultural: usos de la cultura pernambucana en escala global**. 2018, 356 f. Tese (Doutorado em Ciências Antropológicas)- Universidad Autónoma Metropolitana, Ciudad de México, 2018. pp. 84-148.

LIGIÉRO, Zeca. "Motrizes culturais – do ritual à cena contemporânea a partir do estudo de duas performances: Danbala Wedo (afro-brasileira, do Benin, Nigéria e Togo) e Sotzil Jay (Maia, da Guatemala)" Karpa 10 (2017). Disponível em: https://www.academia.edu/35070719/Ligi%C3%A9ro_Zeca_Motrizes_culturais_do_ritual_%C3%A0_cena_contempor%C3%A2nea_a_partir_do_estudo_de_duas_performances_Danbala_Wedo_afro_brasileira_do_Benin_Nig%C3%A9ria_e_Togo_e_Sotzil_Jay_Maia_da_Guatemala_. Acesso em 04 de dez. 2023.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. As “origens” dos Maracatus-Nação do Recife: uma história linear e sem transformações? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 27, p. 255 - 282, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2175180311272019255>. Acesso em: 17 de set. 2023.

_____. As nações de maracatu e os grupos percussivos: as fronteiras identitárias. **Afro-Ásia**, n. 49, p. 71–104, jan. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/afro/a/Hds4YCctdTvK3yG9CVVPVxt/#>. Acesso em: 17 de set. 2023.

_____. Maracatu nação e grupos percussivos: diferenças, conceitos e Histórias. **História: Questões & Debates**, v. 61, n. 2, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/39020/23832>. Acesso em: 17 de set. 2023.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa Elaboração, aplicação e análise de conteúdo**. São Paulo: Pedro e João, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ana-Claudia-Maia/publication/341259892_Questionario_e_entrevista_na_pesquisa_qualitativa_Elaboracao_aplicacao_e_analise_de_conteudo/links/5eb6066d4585152169c0fbd2/Questionario-e-

entrevista-na-pesquisa-qualitativa-Elaboracao-aplicacao-e-analise-de-conteudo.pdf. Acesso em: 20 de out. 2023.

MOURA, Adriano Carlos de. Maracatu Rural: Uma Representação da Cultura Popular Pernambucana?. **Acta Semiótica Et Linguística**, v. 23, Ano 42, p. 77-98, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2446-7006.2018v23n2.43754>. Acesso em: 15 de set. 2023.

MOURA, Beatriz Martins. "**Aqui a gente tem folha**": terreiros de religião de matriz africana como espaços de articulação de saberes. 2017, 134 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Antropologia Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/23460/1/2017_BeatrizMartinsMoura.pdf. Acesso em: 06 de dez. 2023.

MOURA, Mariama da Mata Leite, **A Influência do movimento mangubeat na cena cultural do Recife**: um estudo a partir da identidade e do consumo. 2017, 169 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. Disponível em: <http://tede2.ufrpe.br:8080/tede/handle/tede2/7516>. Acesso em: 30 de set. 2023.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf. Acesso em: 15 de out. 2023.

PEREIRA, Roberta de Albuquerque; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. "A Estratégia do Ceder para Não Se Perder": o Maracatu Rural como um Campo de Luta. **Revista Organizações em Contexto**, v. 12, n. 24, p. 253-281. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/1982-8756/roc.v12n24p253-281>. Acesso em: 04 de set. 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. pp. 39-43. Disponível em: https://www.academia.edu/33252932/Historia_and_Historia_Cultural_Sandra_Jatahy_pdf. Acesso em: 23 de set. 2023

Prefeitura de Gravatá. **Edital de Chamamento Público Para as Organizações da Sociedade Civil que desenvolvam ações voltadas à Promoção da Igualdade Racial**. Disponível em: <https://pernambuconoticias.com.br/wp-content/uploads/2023/08/EDITAL-DE-CHAMAMENTO-PUBLICO-COMIR.pdf>. Acesso em: 17 de dez. 2023.

SANTOS, E. C. DOS .; HELAL, D. H.. Maracatu, Trabalho e Organizing. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 22, n. 4, p. 620–638, jul. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2018170086>. Acesso em: 18 de dez. 2023.

SILVA, Maciel Ferreira da. Entrevista concedida a Luanna Carla rodrigues da Silva. 21 de setembro/2023.

SILVA, George Patrick Bessoni e. Maracatu de Baque Solto: de brincadeira a patrimônio cultural. **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 21, núm. 2, 2021 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115468015011>. Acesso em: 17 de set. 2023.

SILVEIRA, Carla Borba da Mota, et al. **Nós somos o mundo:** políticas culturais e turismo em tempos globalizados. 2010, 209 f. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/818>. Acesso em: 13 de dez. 2023.

SOUZA, Suethene Barbosa de. **Maracatu de Baque Solto Leão do Norte da Várzea:** uma expressão de memória social da cultura popular na cidade do Recife. 2018, 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30713>. Acesso em: 18 de set. 2023.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas e metodologia. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaina. (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006, p. 233-245. Disponível em: https://www.academia.edu/38640358/Kupdf_net_ferreira_marieta_de_moraes_amado_janaiaacutena_usos_e_abusos_da_histoacuteria_oral. Acesso em: 20 de out. 2023.

VASCONCELOS, Felipe. Conselho Municipal da Promoção da Igualdade Racial é criado em Gravatá. **Prefeitura de Gravatá**, 15 set 2023. Disponível em: <https://gravata.pe.gov.br/noticia/conselho-municipal-da-promocao-da-igualdade-racial-e-criado-em-gravata/>. Acesso em: 18 de dez. 2023.

ANEXO

Anexo 1 – Modelo Termo de Autorização de Imagem e Som



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, _____, nacionalidade _____, portador/a da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito/a no CPF nº _____, residente à Av./Rua _____, nº. _____, município de _____/Pernambuco. AUTORIZO o uso de minha imagem e voz para serem utilizadas no **trabalho monográfico provisoriamente intitulado “Maracatu Sol Brilhante: um movimento de luta e resistência na cidade de Gravatá.”**, desenvolvido pela discente do curso de Licenciatura em História da UAEADTec-UFRPE, Luanna Carla Rodrigues da Silva, sob a orientação da professora Dra. Ayalla Oliveira Silva, também autorizo o uso em toda e qualquer produção proveniente do referido trabalho monográfico. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____, dia ____ de _____ de _____.

(Assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato: